

Revista **Diversidade**

e Educação

v.4 n.7 (Janeiro/Junho. 2016). - Rio Grande/RS

ISSN 2358-8853



Juventudes



EXPEDIENTE

Núcleo Responsável:

Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
Endereço: Av. Itália km 8, Carreiros. (053) 3233-6709

Endereço eletrônico:

<http://www.sexualidadeescola.furg.br>
E-mail: sexualidadeescola@furg.br

Coordenadora:

Paula Regina Costa Ribeiro

Editora

Joanalira Corpes Magalhães

Jornalista Responsável:

Yéssica Lopes - MTB 16289

Colaboradores:

Ana Cláudia Bortolozzi Maia - cau.bortolozzi@gmail.com
Andreza Marques Leão/Unesp - andreza_leao@yahoo.com.br
Angela Torma - angela.torma@gmail.com
Cláudia Maria Ribeiro- ribeiro@ded.ufla.br
Fabiane Ferreira da Silva - fabianeunipampa@gmail.com
Felipe Bruno Martins Fernandes - fernandes.felipebruno@gmail.com
Fernando M. Marques - inovar.fernando@gmail.com
Filomena Teixeira - filomena.tx@gmail.com
Joanalira Corpes Magalhães - joanaliramagalhaes@furg.br
Juliana Ribeiro de Vargas - julivargas10@hotmail.com
Maria Ângela Mattar Yunes - mayunes@hotmail.com
Paula Regina Costa Ribeiro - pribeiro@furg.br
Silvana Goellner - vilodre@gmail.com

Projeto Gráfico e Diagramação

Joanna Alves Vaz

Capa:

Joanna Alves Vaz

Imagens retiradas do Banco de Imagens Grátis Freepik (br.freepik.com)

Revisão ortográfica e gramatical

Breno Maciel Reis

Apoio e patrocínio:

MEC. SECADI, PROEXC FURG

As matérias, artigos e demais produções que compõem a revista são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as.

Qualquer parte dessa publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Endereço de Correspondência

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola- GESE
Av. Itália km 8 - Carreiros 96203-900
Fone: (053) 3293-6079
E-mail: sexualidadeescola@furg.br
Página do Grupo: <http://www.sexualidadeescola.furg.br/>

APRESENTAÇÃO

Prezadas/os leitoras/es, é com alegria que compartilhamos com vocês o sétimo número da Revista Diversidade e Educação.

Neste número, temos como temática as Juventudes, pois as entendemos enquanto uma invenção e que todas as transformações e os acontecimentos relacionados a ela vão ganhando novas configurações nos diferentes espaços sociais e educativos.

Como destaque deste número, teremos a entrevista com a pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer. A entrevistada é professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuou como titular do Comitê Assessor da área de Educação, no CNPq (2013-2015) e foi membro do Comitê Assessor área Educação da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2005-2008). Além disso, é membro do Comitê Consultivo do Scielo Educa, gerenciado pela Fundação Carlos Chagas. Tem experiência na área de Educação e da Comunicação, com ênfase em Sociologia e Filosofia da Cultura, estudos foucaultianos; pesquisas sobre cinema, mídia, juventude e processos de subjetivação. Coordena o NEMES - Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade, da UFRGS. Na entrevista, a pesquisadora tece uma excelente discussão sobre as juventudes na contemporaneidade.

Nas Histórias de Maria, contamos novamente com a narrativa de Cauã. Ele vai nos falar sobre as adolescências e os conflitos com a lei. Nas seções Diversidade em Debate, Cotidiano na Escola e Espaços Educativos, textos, que nos incitam a pensar as juventudes e suas múltiplas configurações e processos de construção. Além disso, temos sinopse de filme e resenhas de livros acerca do tema juventudes e suas interrelações com as temáticas de corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais.

Desejamos uma ótima leitura!!!

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães
Professora do Instituto de Educação (FURG) e
Doutora em Educação em Ciências
Editora da Revista

Catálogo na fonte: Simone Godinho Maisonave / CRB 10/1733

R349

Revista Diversidade e Educação [recurso eletrônico] / Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. v.4, n.7 (Jan./Jun. 2016). Rio Grande, 2016.

Periodicidade Semestral.

Disponível em: <http://www.revistadiversidadeeducacao.furg.br/index.php/ct-menu-item-1.html>

ISSN 2358-8853

Revista do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

1. Educação - Periódicos 2. Sexualidade 3. Gênero

SUMÁRIO



8

DIVERSIDADE
EM DEBATE



4

ENTREVISTA



20 HISTÓRIAS
DE MARIA

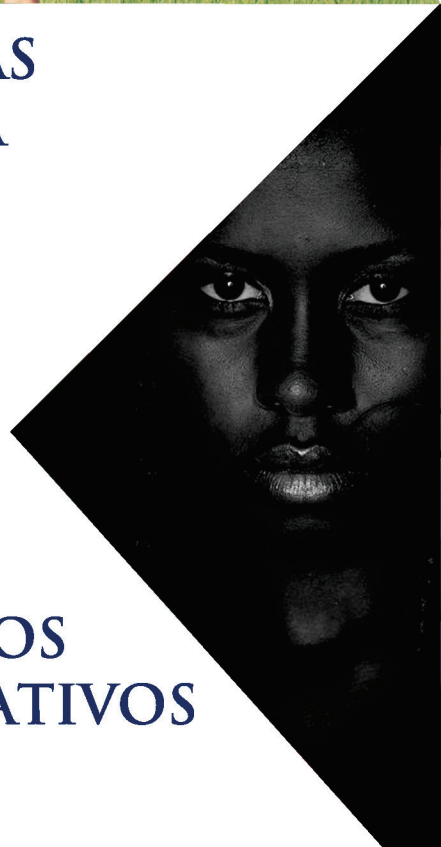
24

COTIDIANOS
DA ESCOLA



28

ESPAÇOS
EDUCATIVOS



“

ROSA MARIA BUENO FISCHER

JUVENTUDES

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFRGS. Pesquisadora I-C do CNPq

”

DIVERSIDADE: A partir de tuas pesquisas e estudos, quais entendimentos sobre juventude vens construindo?

Rosa Maria: Desde que comecei a debruçar-me sobre o tema da juventude (por ocasião da pesquisa para a Tese de Doutorado, concluída em 1996, portanto, há 20 anos), cada vez mais se acentua a ideia de que não podemos nem fixar tempos nem modos de ser jovem. A ideia plural de “juventudes” fica cada vez mais forte; acho que se torna bem mais rico pensar em “trajetórias juvenis” diversas, marcadas por um certo tempo histórico, político e social, mas também por muita imprevisibilidade.

Interessa-me escutar jovens, observá-los, vê-los em situação de debate, nas suas angústias, desejos e sonhos – sem indagá-los sobre um certo ponto de chegada. Ao contrário, interessa-me estar com eles, sejam eles de que grupo social eles vierem, debatendo sobre os modos pelos quais eles buscam afirmar-se, inscrever-se no mundo; os desejos e sonhos que os movem, como criação de si mesmos, nessa condição

precária de ausência de certezas.

Um dado importante parece ser (pelo menos nos últimos estudos que fiz) o de que (para estudantes de Ensino Médio e de cursos universitários, na região metropolitana de Porto Alegre, em instituições públicas e privadas, entre 13 e 29 anos), a vida adulta perdeu o poder de sedução que tinha anteriormente. Ser adulto parece que não é mais, para muitos jovens, um lugar desejado de chegada. Para muitos autores, o que ocorre é o contrário: o lugar da juventude é o grande ponto a ser alcançado, o próprio lugar que seduz e que interpela não só a criança (que anseia tornar-se rapidamente adolescente) como o adulto (capaz de realizar todas as operações possíveis em seu corpo para manter-se belo e juvenil).

Percebemos hoje um tempo virtual que comporta movimentos constantes e intercambiáveis para os papéis geracionais: assim, por exemplo, pais admitem aprender com os filhos, adultos por vezes parecem não ter qualquer problema em afirmar que as crianças e jovens ensinam-lhes coisas novas; estes, por sua vez,

têm à disposição, também, os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação como locus educacional. As diferenciações geracionais vão-se tornando múltiplas e complexas; definem-se as categorias de pré-adolescente, adolescente, jovem, jovem adulto – entre tantas outras, que surgem num espaço de tempo muito rápido.

DIVERSIDADE: Muitas pessoas utilizam o termo **adolescência** e outras **juventudes** em seus escritos; o que aproxima ou distancia esses termos?

Maria Rosa: Em poucas palavras: quando fiz minha primeira pesquisa, em 1996, eu ainda usava o termo “adolescência”, num tempo em que observávamos uma diferença gritante entre meninos e meninas de classe média e alta, chamados de *teenagers*, propriamente adolescentes; enquanto os mais pobres, de periferia, eram tratados pelo nome genérico de “menores”.

A pesquisadora da USP, socióloga Marília Sposito, chamou minha atenção, pessoalmente, sugerindo que eu falasse mais amplamente em “juventude”, de modo a contemplar uma ampla faixa, em que caberiam também as figuras dos pré-adolescentes, adolescentes. Faz algum tempo, tenho preferido as palavras “jovem”, “juventude” – mas sem menosprezar essa categoria que, talvez, seja mais específica do campo da psicologia e da psicanálise. Sem falar em questões relativas, por exemplo, ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

De qualquer forma, é bem importante a gente pensar em como vai-se alterando a compreensão do que seja um “jovem” hoje (alguns chegam a tratar pessoas de 40 anos como jovens) – dependendo do critério usado (já saiu de casa? Formou nova família? Etc. Etc.).

DIVERSIDADE: Como podemos propor um trabalho pedagógico pensando, hoje, na categoria **juventude** entrelaçada às categorias de **classe, gênero, sexualidade, raça, etnia** entre outras?

Rosa Maria: Como respondi na primeira questão, entendo que há todo um trabalho a ser feito com jovens das diferentes faixas de idade, e que se aconteça a partir

da criação de ambientes privilegiados de “escuta”, em primeiro lugar. Há uma carência da genuína disposição de “conversar” com esse Outro, diferente de nós (e ao mesmo tempo tão próximo).

Em segundo lugar, entendo que as diferenças de classe, gênero, etc., podem ser tratadas especialmente por meio de um trabalho cotidiano que seja impulsionado pela arte – pelo acesso a obras literárias, filmes, imagens das artes visuais, etc. –, em que adultos e jovens experimentem a beleza de outros modos de mostrar e de dizer o mundo.

Minha experiência mais recente, com alunos universitários, tem sido a de assistir bons filmes com eles, debatê-los e – mais do que isso – convidá-los a criar, pela escrita, a partir das narrativas filmicas. Fugir dos filmes blockbusters, apostar em histórias e imagens repletas de lacunas, interpelativas de um sujeito que as complete ou que as questione – tem sido uma prática extremamente rica de escuta desses jovens de diferentes classes sociais. A experimentação do cinema iraniano ou japonês, por exemplo, tem sido uma maneira de conversar com esses estudantes sobre como existem formas tão diversas

de vida e pensamento; e também como é possível, na diferença, nos encontrarmos amorosamente com o Outro.

DIVERSIDADE: Como tens promovido em tuas pesquisas a discussão sobre **juventude, mídia e os espaços públicos e privados?**

Rosa Maria: Cotidianamente, em minhas pesquisas, aparecem discussões sobre nossas formas de vida, nossas escolhas éticas principalmente, envolvem um gesto político, em que se misturam questões do mundo privado e do mundo da polis. O cinema tem sido uma fonte importante em minhas pesquisas com jovens; igualmente a televisão e a publicidade. Nós discutimos os modos pelos quais se constroem verdades ditas “de todos”, e das quais muitas vezes nos tornamos sujeitos. Debatermos: em que medida temos um cuidado político e ético com aquilo que é público? Por que tem acontecido de nos interessarmos bem mais por aquilo que é da ordem do privado (da vida amorosa, sexual,

etc., de pessoas famosas e de outras bem mais próximas de nós) do que aquilo que seria da ordem do público? Como isso é construído diariamente?

Na votação do impeachment, os deputados fizeram uma triste demonstração dessa escolha pelo privado, invocando, numa situação extremamente delicada, o amor pela mulher ou pelo filho, etc. Observamos que esse é um tema em aberto, a ser consistentemente analisado, pensado, discutido, no sentido de uma formação ampla dos jovens e de todos nós.

DIVERSIDADE: De que modo percebes a relação entre juventudes e práticas de consumo, difundida por diversos artefatos culturais na atualidade?

Rosa Maria: Em meus estudos, o tema do consumo certamente está presente, mas sempre vinculado a uma discussão maior, relativa aos modos como por vezes nossas escolhas privilegiam um eu privatizado e isolado, em detrimento de um olhar mais amplo, que considere efetivamente a alteridade.

Ao mesmo tempo que mostramos aos jovens filmes como os de Kiarostami, Marjane Satrapi, Akira Kurosawa, Majid Majidi – só para citar alguns diretores do Irã e do Japão –, também entremeamos nossas discussões sobre a alteridade com menção a peças publicitárias, programas de TV e comparamos os modos de existência propostos nessas diferentes narrativas. Lembro de vários alunos simplesmente não entenderem por que, num filme como Filhos do Paraíso (de Majid Majidi), o pai de uma família não usava para si as pedras de açúcar que quebrava para levar à mesquita. Como assim? – perguntavam-me os jovens –, se o açúcar estava ali e era só pegar uma ou duas pedras e usar para o consumo do chá?

Ou seja: aliamos a discussão sobre consumo ao debate sobre a alteridade e a ética.

DIVERSIDADE: Percebe-se, nos tempos atuais, uma tendência dos/as jovens em visibilizarem todos os fatos de suas vidas nas redes sociais, deixando públicas quase todas as informações de sua intimidade. De que modo entendes que a escola poderia abordar tais questões?

Rosa Maria: A alta visibilidade de nossas vidas privadas (não só por parte dos jovens, certamente) nas redes sociais tem seu preço: a extrema exposição

acaba correspondendo a um desejo de mostrar-se belo e desejável, como se criássemos ali uma vida paralela. Por outro lado, numa época de tantos descabros políticos, e também de tanta manifestação de rua (a rua virtual, idem), parece que esses meios acabam por ampliar o debate a respeito de uma ética (do corpo, da sexualidade, da vida amorosa, da própria atuação política).

Acho que a escola não pode ficar fora disso: pode abrir, a meu ver, canais de comunicação também pelas redes sociais, de modo a convocar os jovens, criativamente, a um debate sobre este presente tão difícil. A educação para a delicadeza pode e deve fazer parte da ação da escola, no âmbito das redes sociais.

DIVERSIDADE: Como desconstruir os modelos de juventude produzidos pela mídia?

Rosa Maria: Acho que já respondi anteriormente: a escuta, a delicadeza das relações, o uso permanente da arte (os vários tipos de criação artística), a abertura genuína ao outro-jovem – esses são caminhos que tenho buscado.

DIVERSIDADE: Tens alguma sugestão de site, livro ou filme que contribua para discussão das juventudes no espaço escolar?

Rosa Maria: Sugiro filmes como **Persépolis**, animação de Marjane Satrapi; **Mary and Max** (animação de Adam Elliot); **Boyhood**, de Richard Linklater; **Filhos do Paraíso** (de Majid Majidi); **Últimas Conversas** (de Eduardo Coutinho).

Quanto a livros, acho que alguns textos teóricos são básicos:

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105-1128, outubro 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a22228100>

Último acesso: 10 de junho de 2016.

Sugiro ainda o blog do professor Paulo Carrano:
<https://paulocarrano.wordpress.com>

Finalmente, penso que alguns livros já clássicos (como **O Apanhador no Campo de Centeio**, de J. D. Salinger), além de outros mais recentes, são bem sugestivos para pensarmos esse momento particular da vida, por exemplo: **Aos 7 e aos 40**, de João Azanello Carrascoza; **O Paraíso são os Outros**, de Valter Hugo Mãe; **Bom Dia, Camaradas**, de Ondjaki (este livro trata da perspectiva de jovens sobre Luanda, nos anos 1980).



“

ACHO QUE SE TORNA
BEM MAIS RICO PENSAR
EM “TRAJETÓRIAS
JUVENIS” DIVERSAS,
MARCADAS POR
UM CERTO TEMPO
HISTÓRICO, POLÍTICO
E SOCIAL, MAS
TAMBÉM POR MUITA
IMPREVISIBILIDADE.

”

JULIANA RIBEIRO DE VARGAS

ELAS QUEREM SER MC POCAHONTAS!:

O FUNK OSTENTAÇÃO E A JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORÂNEA

Doutora em Educação. Docente do PPGEDU/ULBRA. Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Cenas em uma escola

Uma estudante do último ano do Ensino Fundamental escuta uma de suas músicas preferidas no celular: *Mulher do Poder*, interpretada pela Mc Pocahontas¹. É interessante destacar que na versão audiovisual da música, a intérprete aparece desfrutando de bens de consumo de alto valor, como roupas e acessórios de grifes famosas, a exemplo da *Louis Vuitton*². A artista também destaca na música que, para iniciar/manter um relacionamento afetivo, seu parceiro deve lhe dar condição, ou seja, sustentar seus desejos e suas vaidades, não importando o quão caro sejam. Frente a esta descrição, vale questionar: estarão as jovens da atualidade, principalmente àquelas apreciadoras do estilo funk ostentação, organizando seus relacionamentos de amizade e de afeto de modo semelhante à Mc Pocahontas?

O presente estudo, recorte de uma investigação mais ampla, pretende visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens alunas contemporâneas e, por conseguinte, na (re)produção de formas de viver a feminilidade na atualidade. Tais discursos eram evidenciados em músicas associadas ao gênero contemporaneamente conhecido como funk ostentação, o qual era apreciado pelo grupo de alunas em questão. As jovens escutavam e compartilhavam tais músicas através de seus aparelhos celulares, muitas vezes em meio às atividades de sala de aula, não acatando assim a legislação vigente que proíbe o uso de tais aparatos nas escolas da rede de ensino da qual fazem parte.

Os campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em vertente pós-estruturalista

e também as teorizações de Michel Foucault (2009) permitem o aprofundamento da temática de análise. Em consonância com tais campos, compreendo os sujeitos como constituídos e diferenciados discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais. Logo, as jovens contemporâneas estudadas estariam sendo subjetivadas de distintos modos em suas possibilidades de vida e, desta forma, constituiriam suas feminilidades frente a diferentes discursos.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, entendo as músicas escutadas pelas alunas como produções culturais e ainda, como ações comunicativas/identitárias dos grupos sociais pelos quais transitam. Em consonância com os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como relacionados às construções históricas sociais, permitem-me articular modos diferenciados de descrição e análise de tais sujeitos (LOURO, 1997). Sob tal perspectiva, gênero é compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995).

Vale referir que o material empírico deste estudo decorre de metodologias de investigação qualitativas de cunho etnográfico, tais como observações participantes e registros em diário de campo. Também foram realizadas análises sobre os arquivos musicais armazenados nos cartões de memória dos celulares

¹ *Mc Pocahontas* é o nome artístico de Viviane Queiroz, cantora carioca. Ver: <http://www.brasilblogado.com/mc-pocahontas-oficial/> Acesso 20 jul 2014. O vídeo da música pode ser visibilizado pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=AGuf8ARymiU>. Acesso em 15 abr 2015.

das estudantes, os quais foram problematizados em encontros de pequenos grupos, os quais denominei Rodas de Conversa. A partir de tais metodologias, foi possível verificar que algumas alunas armazenavam mais de trezentos arquivos musicais em seus celulares.

Pode-se depreender que, semelhante aos chamados diários de outros tempos, os celulares prestam-se, na atualidade, ao registro de memórias/vivências das jovens alunas, uma vez que imagens e músicas que remetem aos amigos, aos amores e aos ídolos ficam registradas nos cartões de memória de cada aparelho. Seriam os cartões de memória diários digitais contemporâneos, nos quais as jovens alunas registram, constituem e são subjetivadas na sua existência. Contudo, é importante pontuar a provisoriidade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna pode possuir mais de um cartão de memória e, também, apagar ou registrar ‘novas memórias’ no mesmo.

Apresento a seguir algumas características do gênero funk ostentação, buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerro este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição da juventude feminina.

Esse é bonde das minas que andam no ouro: discursos do funk ostentação

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao funk ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. A forte presença do funk em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação, pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, a exemplo da Mc Pocahontas, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do funk, vale destacar as palavras do

*Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do Poder, é assim que eu sou conhecida
(Mulher do Poder- Mc Pocahontas)*

DJ Malboro, um dos percussores do estilo no Brasil: “É a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o funk” (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Dayrell (2002) o funk, assim como o rap, tem sua origem na música negra norte-americana, a qual incorporou sonoridades africanas, baseadas, segundo o referido autor, no ritmo e na tradição oral. De um modo geral tal ritmo musical é associado às classes sociais de menor poder aquisitivo e, por conseguinte, com uma suposta menor possibilidade de aquisição de bens de consumo. Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculo Canecão, o funk encontrou espaço nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por “diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral” (HERSCHMANN, 2005, p. 73).

As músicas relacionadas ao funk ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um status frente aos demais. Também suas músicas descrevem os desejos femininos como unicamente relacionados à vaidade e à beleza, os quais são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que “bancam” tudo o que elas desejam.

A música Onde eu chego eu paro tudo, interpretada pelo Mc Boy do Charmes, exemplifica as afirmações anteriores. Tal música descreve que o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado, de marcas como Dior, Lacoste, Armani, Oakley e Hilfiger, possibilitaria aos homens encantar, seduzir e compartilhar da companhia de belas mulheres. O uso de adornos como cordões e correntes de ouro e, ainda, a propriedade de carros e motos de valor elevado, também são destacados pela música referida como ações potenciais para a elevação do status de quem os usa. A versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras semelhantes visibilizam homens jovens cercados de belas mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados³. A seguir, apresento excertos da

música que evidenciam as afirmações.

*Onde eu chego eu paro tudo
A mulherada entra em pane
Meu cordão é um absurdo
Meu perfume é da Armani[...]*

*Pick-up cabine dupla
Jet na carroceria
Correria traz fartura
Fartura traz alegria
E no meu vocabulário
Não existe economia
Nós investe no poder
E usufrui da putaria*

(Onde eu chego eu paro tudo- McBoy do Charmes)

Em determinados versos da música Onde eu chego eu paro tudo, é possível pensar que o uso de artefatos de marcas de grife e de automóveis caros seja propiciado pela prática de atividades ilícitas, tais como roubos e furtos. Refiro-me aqui, especificamente, aos versos “correria traz fartura, fortuna traz alegria” e “nós investe no poder e usufrui da putaria”. No ambiente da periferia é de conhecimento geral que “aqueles que fazem correria” são os sujeitos envolvidos em práticas ilícitas, a exemplo do tráfico de drogas e do comércio de máquinas caça-níqueis.

De modo semelhante ao exposto pela música Onde eu chego eu paro tudo, a música Rolê da Haybusa, de Mc Dedé também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário (a exemplo de roupas Hollister e Abercrombie & Fitch), tal como podemos observar no recorte da mesma:

*Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez
(Rolê da Haybusa - Mc Dedé)*

Ao problematizar com as alunas a relação dos artefatos de consumo descritos em ambas as músicas e a real possibilidade financeira de serem adquiridos, as mesmas destacaram a realização de atividades ilícitas

³Pode-se referir aqui as músicas Megane (*Mc Boy do Charmes*), Plaque de 100 (*Mc Guime*), É o fluxo (*Mc Nego Blue*) e as Minas do Camarote (*Mc Dedé*).

como meio para a conquista de tais bens, como é possível visualizar em suas falas:

Pesquisadora: Haybusa é uma moto caríssima! Vocês acham que os caras que cantam essas músicas têm dinheiro para comprar?

Isabelly: Têm! Porque eles invadem o lugar e “pegam” né?

Pesquisadora: E as gurias vão querer andar com os caras de Hayabusa ou com os demais caras?

Amanda, Isabelly e Cintia: De Haybusa!

Amanda: Mas tu achas que os que têm Haybusa conseguem comprar Haybusa como? Vendendo droga!

Isabelly: É patrão! Eles são patrão!

Já Mc Pocahontas acaba por ser descrita pelas alunas como exemplo de beleza e performance artística. Todas querem ser Mc Pocahontas! É interessante destacar que o fato de um homem financiar seus desejos e vontades, como a artista descreve na música, não chega a entendido como um problema para as alunas. Tais ideias são visibilizadas por suas falas:

Amanda: Mc Pocahontas! Eu gosto muito!

Isabelly: Ah, eu amo ela! Ela não é bagaceira, e ela é linda!

Julia: Ela é linda! E eu gosto das músicas dela!

Evillyn: Ela é linda e as músicas dela são legais! Eu acho ela a Mc mais bonita que tem!

Pesquisadora: E por isso que tu gostas dela? Tu querias ser ela?

Evillyn: Ah, eu queria! Imagina “sora”! Tirar foto lá, naqueles carrões!

A fala das alunas também reitera a relação de dependência entre homens e mulheres, naturalizando o fato de Mc Pocahontas ter todos os seus desejos atendidos pelo companheiro na versão audiovisual da música Mulher do Poder. Em suas palavras:

Paula: É legal porque mostra o poder da mulher!

Pesquisadora: Que tipo de poder a música mostra?

Cintia: Ela tem dinheiro, roupas, dinheiro...

Sophia: Ela tem o poder da... Tu achas que ele deu dinheiro para ela por quê? Só porque ela deu beijinho nele?

Pesquisadora: Então por que ela “dá” para o cara e assim ganha tudo dele?

Paula: Não é porque ela dá, é porque ela merece! Se ele pega ela, ele tem quem ostentar!

Pesquisadora: Por que tu achas isso?

Sophia: Porque se o cara tem dinheiro ele tem que dar para ti!

As atitudes de consumo e a visibilidade de determinados bens e artefatos descritas, principalmente nas músicas filiadas ao que está sendo denominado como funk ostentação parecem reiterar um discurso consumista, fundamentado em uma sociedade capitalista, a partir do qual o acúmulo de bens materiais acaba por se tornar a própria dinâmica de felicidade. Sob a premissa desse discurso, enunciados como “os ricos é que são felizes”, ou ainda, “apenas o dinheiro traz felicidade” são fomentados e reproduzidos nas mídias contemporâneas. As narrativas das alunas destacam-se como enunciações sobre o referido discurso:

Paula: Essa história de dizer que dinheiro não traz felicidade eu acho a maior mentira. Pois se ele não traz felicidade, pelo menos manda trazer! Essa vida de pobre não é feliz! Eu queria é ter essa vida das músicas. Ser pobre sem glamour não tem graça nenhuma.

É possível pensar que as músicas alinhadas com o funk ostentação visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo se configura como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos. Como afirma Bauman, as sociedades contemporâneas padecem da síndrome consumista, na qual os desejos e anseios pelos bens materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...]. [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111).

É preciso escutar (mais): à guisa de conclusão

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): “[...] a mídia não apenas veicula, mas

também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]”. Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser “reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura” (FISCHER, 2001, p. 591). No entanto, nos dias atuais, é preciso considerar que os enunciados sobre a feminilidade subjetivem as jovens a buscarem relacionamentos afetivos nos quais sejam providas financeiramente e possam desfrutar do “luxo e da ostentação”, a exemplo da Mc Pocahontas. Assim, as diversas formas da mídia “tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo” (FISCHER, 2007, p. 293). Logo, é possível pensar que a mídia fomente a visibilidade de estilos, gostos e, também, de histórias de vida, ações essas que contribuem para a constituição e assimilação de discursos diversos pela sociedade.

Por fim, é importante destacar que o estudo das produções culturais produzidas/consumidas pelo meio das periferias urbanas, a exemplo das músicas associadas ao funk ostentação, apresenta-se como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços. Desta forma, compreendo como necessário continuar o estudo e a problematização acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade; pois visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas. Certamente, muitos outros discursos poderiam ser aqui problematizados – não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim na busca de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à juventude feminina.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DAYREL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, vol.28, no. 1, p.117-136, jun. 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.
- _____. **Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001/2.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.
- _____. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- GARBIN, Elisabete M. **Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola**. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a distância. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**, 2009.
- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

ANA CAROLINA SAMPAIO ZDRADEK | DINAH QUESADA BECK

O APLICATIVO MÓVEL “YOU CAM MAKEUP” UMA CÂMERA DE MAQUIAGEM PEDAGOGICAMENTE FÉRTIL

Ana Carolina Sampaio Zdradek: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Dinah Quesada Beck: Professora do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Nos parece possível afirmar que contemporaneamente os/as jovens estão imersos na cibercultura. Diz-se isso por compreendermos os/as jovens em uma faixa geracional mais alargada, não tendo a intenção de reduzir o conceito de juventude em uma categorização etária, como do caso talvez do termo adolescência, que pode ser um pouco prescritivo ao delimitar uma faixa etária para se viver algo entendido como uma etapa. É nesse sentido que buscamos trabalhar com o conceito de juventudes, pois assim como Kehl (2004, p.89), ao dar-se elasticidade ao conceito, podemos considerar que no espaço de tempo entre os 18 e 40 anos, por exemplo, “todos os adultos são jovens”.

As ferramentas, ou ainda, os artefatos culturais das mídias digitais, tais como: a rede social Facebook, Cyworld, Instagram, Youtube, entre outros, oferecem aos/as jovens possibilidades de consumo, juntamente à publicização de si. Em nossa sociedade digital, as imagens que os/as jovens transmitem de si nas redes sociais são marcas constitutivas das suas identidades efêmeras e em constante composição.

Pensando nestes espaços das mídias digitais e alicerçadas nos Estudos Culturais em Educação, sob o viés pós-estruturalista, buscamos trazer problematizações parciais que estão sendo construídas na pesquisa de mestrado em desenvolvimento, intitulada: “Olha o meu post – Juventudes em tempos líquidos: um estudo sobre consumo e artefatos culturais das mídias digitais”. A metodologia dessa pesquisa assume a perspectiva pós-crítica de investigação, utilizando os pressupostos da netnografia, os quais pedem “responsabilidade, ética, rigor e acima de tudo criatividade e ousadia (SALES, 2014, p. 130)”. A netnografia consiste em ir ao ambiente virtual viabilizado através dos computadores, smartphones e tablets enquanto pesquisador/a, realizando observações ou até mesmo conversando

com os indivíduos dos diferentes perfis disponíveis no ciberespaço. Nesta pesquisa, elencamos quatro artefatos culturais das mídias digitais para atuarem como disparadores de discussão em um grupo com 21 jovens de faixas etárias entre 14 e 36 anos. O “Fala Gurizada” está sendo constituído e viabilizado a partir do aplicativo móvel Whatsapp; os/as participantes foram convidados/as por meio de uma postagem em uma página da rede social Facebook. Como a pesquisa se encontra em andamento, faremos problematizações a respeito da escolha de um dos artefatos e de suas possibilidades pedagógicas, compreendendo este como possível produtor de uma juventude que se mostra desejosa por manipular diferenças relativas ao corpo. Dessa maneira, nos permitimos discorrer também acerca do esmaecimento das fronteiras entre cultura e aprendizagem – compreendendo que, através da virada culturalista, as instâncias pedagógicas não estão mais associadas apenas à escola ou às formas legitimadas de cultura e de educação.

As pedagogias culturais (CAMOZZATO, 2015) situam-se no espaço entre escola, instituições e processos culturais diversos e localizados nos mais diferentes lugares e artefatos existentes neste tempo/espaço acelerado. Sendo assim, problematizar um artefato cultural que se alastrou vertiginosamente na mídia digital consiste em uma atitude pedagogicamente fértil para a educação. Selecionamos o aplicativo móvel YouCam Makeup para esta análise e buscamos compreender: Como este artefato cultural interpela os investimentos na aparência de milhares de jovens? Ele busca padronizar os corpos em sociedade?

Diferenças Neutralizadas

YouCam Makeup é um aplicativo móvel de embelezamento instantâneo, criado no ano de 2014 que bateu a marca de 100 milhões de downloads. Após 17

meses do seu lançamento, foi considerado o aplicativo de maquiagem número um no mundo. Este aplicativo permite que o/a usuário/a transforme e edite a sua aparência em imagem e movimento por meio da câmera frontal acoplada no celular, costumeiramente utilizada por muitos/as para uma selfie, ou autofotografia. O YouCam Makeup permite que as pessoas coloquem uma maquiagem em suas fotos e os recursos são variados, tais como batons, sombras, bases, cílios, sobrancelha, cabelos, acessórios e até mesmo as unhas. Na tela inicial, os/as usuários/as escolhem se fazem as edições em imagem e movimento real ou se tiram uma selfie e fazem as edições posteriormente. O aplicativo está disponível para os sistemas Android e iOS dos smartphones. No mundo contemporâneo somos consumidores/as de sensações, consumidores/as de um consumo imaterial, que se expressa em diferentes instâncias. O consumo imaterial funciona e opera através da produção e venda principalmente de sensações, mexe com a emoção e, talvez, até com uma busca por compensação.

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. “Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias da mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “imersão os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado” (BAUMAN, 2014, p. 52) [grifos do autor].

Estas estratégias do mercado imaterial entenderam as particularidades do ser humano e transformam praticamente tudo em possibilidade de lucro. Trabalham sob a ótica de “agir sobre as crenças e sobre os desejos, sobre as vontades e inteligências, ou seja, agir sobre os afetos” (LAZZARATO, 2006, p.32). A cultura da mídia nos traz padrões e tenta reafirmá-los a todo instante. Nesse sentido, é possível dizer que este aplicativo não permite a produção e a proliferação das diferenças das juventudes; ele tenta padronizá-las. Nas imagens editadas com o aplicativo móvel em questão é possível metamorfosear-se, ser outro/a, bem diferente do que se é na frente de um espelho convencional.

Enfim, temos presenciado em nosso mundo líquido moderno (BAUMAN, 2014) que os lugares “estão estilhaçados e pulverizados em uma miríade

de espaços e artefatos” (CAMOZZATO, 2015, p. 71). Neste preâmbulo emergem algumas possibilidades de interpretar com as pedagogias. Sobre o que Camozzato (2015, p. 515) profere:

É assim que têm emergido, por exemplo, expressões como “pedagogia da mídia”, “pedagogias do corpo”, “pedagogias do consumo”, entre outras, pois se tem percebido que em cada seara da vida e em cada campo de saber há investimentos precisos, minuciosos, bem planejados e repletos de intencionalidades. Todos atuando, a propósito, sobre as pessoas, como pedagogias para ensinar saberes e práticas necessárias aos constantes ajustes às condições desse tempo-espço preciso [grifos da autora].

Nesse sentido, as pedagogias culturais atuam como intérpretes da nossa cultura, os discursos e as possibilidades para manutenção do corpo jovem ao mesmo tempo em que subjetivam as juventudes, podendo instaurar e legitimar formas de lidar com elas. O aplicativo mencionado nessa discussão pode reconfigurar a maneira de fotografar; está expresso neste a possibilidade de edição e, com essa situação, podemos compreender como são travados os conflitos que ajustam nossas vidas às circunstâncias propiciadas pela arena cultural e multifacetada.

Considerações Finais

Desejamos expressar neste texto algumas reflexões iniciais acerca do quanto o/a jovem é visto/a como uma terra cultivável para os investimentos estéticos. Lançamos algumas proposições acerca de um poderoso e intrigante artefato cultural da mídia digital, o qual produz e reproduz imagens de jovens e contribui para que cada diferença no corpo de um indivíduo seja neutralizada e entendida como um potencial a ser investido. O aperfeiçoamento da imagem neste aplicativo denota o desejo do mercado capitalista neoliberal de ter uma sociedade desejosa por embelezamento: um embelezamento plástico e muitas vezes irreal. As telas de cristal líquido ocupam espaço na casa, no trabalho, no lazer; modificam as rotinas e os comportamentos de todos/as, cada vez mais cedo, as imagens são rápidas, os estímulos visuais e sonoros são atrativos, a interface captura os/as sujeitos/as. Queremos ter uma imagem padronizada por um aplicativo de maquiagem instantâneo? Deixamos esta reflexão aberta para que estes questionamentos possam pulular em mentes inquiridoras que se dedicam a refletir e problematizar a educação que se dá na e pela cultura.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma da cultura*. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SALES, Shirley Rezende. *Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação*. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlycy Alves (Orgs). *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte, Mazza, 2014.

ARTE DE VIVER JUNTO: JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Carla Lisboa Grespan - Doutoranda em Educação pelo Centro Universitário La Salle - UNILASALLE (2015). Bolsista CNPq. Mestra em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Especialista em Pedagogias do Corpo e da Saúde pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora da Rede Estadual de Ensino Médio.

Cleber Gibbon Ratto - Pesquisador do CNPq. Psicólogo pela Universidade Católica de Pelotas. Psicoterapeuta. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisador e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado/Doutorado) do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE). Professor colaborador do Mestrado Profissional em Reabilitação e Inclusão do IPA. Líder do Grupo de Pesquisa "Cultura contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas e integrante do Grupo de Pesquisa interinstitucional "Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação", ambos cadastrados no CNPQ.

Hans Gert Rottman - Professor de Educação Física. Mestre em Educação pela ULBRA com ênfase em Estudos Culturais. Doutorando em Educação UNILASALLE. Bolsista CAPES.

Neste ensaio, tomaremos como análise os dados da pesquisa "Agenda Juventude Brasil 2013", relacionados ao item "Temas da Juventude e Percepções do País", sobretudo no que diz respeito à sociabilidade, ao "viver junto", ao "estar junto", tendo por objetivo pensar como as perspectivas de futuro das juventudes podem constituir uma linha de ampliação das formas de vida e sociabilidade, nunca completamente previsíveis ou garantidas. Os espaços virtuais redefinem o espaço público e político, proporcionando o reconhecimento de variadas subjetividades. Essas redes têm constituído diferenciados espaços de vida, uma multiplicidade de novas práticas de si e ações coletivas de inteligência que potencializam as sociabilidades e abrem perspectivas para um futuro que estamos a forjar a cada instante. Mas uma questão fica em aberto: o que temos, nós educador@s, a ver com isso?

Palavras-Chave:

Sociabilidades. Juventudes. Futuro.

1 - Introdução

É de Roland Barthes a instigante e inesgotável questão: "De quem sou contemporâneo? Com quem é que eu vivo?". É também dele a resposta: "O calendário não responde bem". (BARTHES, 2003, p. 11).

Referindo-se à complexidade do que é o contemporâneo, Barthes (2003, p. 11) assume que "Essa fantasia da concomitância visa a alertar sobre um fenômeno muito complexo, pouco estudado, parece-me: a contemporaneidade". O contemporâneo não se esgota no que coincide cronologicamente, e é nessa perspectiva que queremos colocar em questão a problemática do "viver junto" e do "futuro" entre jovens.

Não se trata, portanto, apenas de mapear as homogeneidades juvenis de nosso tempo e traçar um perfil apaziguador de nossas incertezas, mas de entrever frestas de sentido naquilo que parece constituir a fotografia da juventude brasileira a partir dela mesma. Exatamente por isso, cabe-nos o esforço de pensar, buscar compreender, interpretar, levar adiante as questões sobre nossas coexistências.

No ano de 2013, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), apresenta uma de suas ações estratégicas - a pesquisa "Agenda Juventude Brasil 2013" - realizada entre abril e maio, com 3.300 pessoas entre 15 a 29 anos, de 187 municípios dos 27 estados do Brasil, contemplando capitais e interior, áreas urbanas e rurais, municípios de pequeno, médio e grande porte. Como metodologia para coleta de dados, foram realizadas entrevistas estruturadas em oito grandes blocos temáticos, contendo um total de 161 perguntas.

O relatório final da pesquisa recorta a amostra em faixas etárias internas - 15 a 17 anos, 18 a 24 anos e 25 a 29 anos de idade - e justifica a adoção desse parâmetro pelas políticas públicas no país, subdividindo os dados nos mesmos blocos temáticos das entrevistas: 1. Perfil e Condição Juvenil; 2. Tecnologia de Informação e Comunicação; 3. A Escola e a Formação Profissional; 4. O Mundo do Trabalho; 5. Violência contra a Juventude Negra; 6. Temas da Juventude e Percepções do País; 7. Vida Política; 8. Políticas para a Juventude.

Neste ensaio, analisamos os dados que estão relacionados ao item 6: "Temas da Juventude e Percepções do País", sobretudo no que diz respeito à sociabilidade, ao "viver junto", ao "estar junto", tendo por objetivo pensar como as perspectivas de

futuro das juventudes podem constituir uma linha de ampliação das formas de vida e sociabilidades, nunca completamente previsíveis ou garantidas. Antes de tudo, queremos insistir numa questão de fundo: o que temos, nós educador@s, a ver com isso?

2 - O que interessa aos jovens?

Um dos dados levantados pela pesquisa que nos instiga e preocupa é aquele produzido pelas seguintes perguntas: “Independentemente do que você quer que aconteça, o que você acha que vai acontecer de verdade com o mundo (o Brasil / o seu bairro) nos próximos cinco anos: em sua opinião o mundo vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?”; “E a sua vida pessoal, como você acha que vai estar, independentemente do que você gostaria: você acredita que vai estar melhor, pior ou igual daqui a cinco anos?”.

As juventudes se mostram otimistas em relação ao que está mais perto de sua esfera cotidiana: 94% acreditam que sua vida vai estar melhor daqui a 5 anos, mas este percentual cai drasticamente quando se alargam as esferas; 53% acreditam que seu bairro irá melhorar, já a expectativa para o Brasil cai para 44%, e para o mundo chega a 36%. Os dados nos levam a pensar de que modo as juventudes constroem suas expectativas de vida como se esta estivesse descolada dos acontecimentos do mundo, do Brasil e mesmo do seu bairro. (BRASIL, 2014, p. 78)

Como educador@s, questionamos: de que modo (re)construir um sentido de vida coletiva em meio às tensões de uma (pós)modernização altamente tecnológica e globalizante que, por um lado, coloca-nos diante da possibilidade de reconhecer e conviver com as diversidades de toda ordem e, por outro, também reafirma valores como a aceleração e a competitividade que estão na base da desconsideração dos demais?

A reconexão dos interesses e das perspectivas privadas de futuro com as formas coletivas de vida e relação parece-nos um dos nossos maiores desafios como educador@s em geral. Para Carmem Leccardi (2005) as instituições sociais, mesmo tendo o poder de cadenciar o tempo do cotidiano, não têm mais a capacidade de garantir aos sujeitos a construção de sua individualidade.

Em uma “sociedade de risco” não sabemos o ponto de chegada de nossa trajetória biográfica, muito menos os itinerários para alcançá-la. “Para os jovens, tudo isso se traduz na conquista de novos percursos de liberdade

e de espaços de experimentação, mas também na perda do caráter evidente de uma relação positiva com o tempo social” (LECCARDI, 2005, p.49).

Outro dado a ser ressaltado é proveniente dos questionamentos em relação às formas de atuação das juventudes no enfrentamento dos problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil e o atravessamento com o envolvimento pessoal d@s jovens em formas de associativismo e participação política ou social. Os dados apontam como formas mais importantes ou eficientes de atuação: a participação em mobilizações de rua e outras ações diretas 45%; a atuação em associações ou coletivos que se organizam por alguma causa 44%; a atuação em conselhos, conferências, audiências públicas ou outros canais de participação desse tipo 35%; a atuação pela Internet opinando sobre assuntos importantes ou cobrando os políticos e governantes com 34%; e a atuação em partidos políticos, 30%. Ao mesmo tempo, os dados parecem não demonstrar grande interesse das juventudes em formas de associativismo e participação política ou social: 54% nunca participaram de associações, entidades e grupos.

Momentaneamente, os dados que demonstram desinteresse por parte da juventude em associativismo parecem contrapor a ideia do “estar junto”, mas o que estaria em jogo nessa condição? @s jovens simplesmente não se interessam por formas coletivas de associação e cooperação, ou estaríamos vivendo uma transformação das formas do “estar junto”, apontando cada vez mais na direção de formas menos institucionalizadas de convívio?

Aqui se faz necessário pontuar a diferença entre os conceitos socialização e sociabilidade. Maria da Graça Jacintho Setton conceitua a socialização como a constituição da identidade social e individual, sendo “o que se observa é uma tendência à articulação e à negociação constante entre valores e referências institucionais diferenciados e as biografias dos sujeitos” (SETTON, 2005, p. 365).

George Simmel, já no começo do século XX, constrói o conceito de sociabilidade a partir da afirmação de que uma sociedade existe na interação dos indivíduos em seus contextos sociais. Essa interação decorre de diversificadas motivações que adotam formas de cooperação e colaboração, transformando-os em uma unidade para satisfazerem seus interesses - uma sociação. Quando os sujeitos passam a dar

mais importância para a socição do que para as motivações constitui-se a sociabilidade, podendo esta ser considerada a “forma lúdica da socição” (2006, p. 65).

Segundo Michel Maffesoli (2012), a partir da saturação do culto ao indivíduo, emerge o sentido de “estar junto” presente nas comunidades da pós-modernidade; ou seja, não estaríamos apenas diante de uma decadência das formas de associativismo e de um incremento do individualismo, mas diante de novas formas do “viver junto”.

É evidente que tais formas não emergem alheias a uma trama social e política que se desenrola nas redes de poder/saber. Talvez aí resida o potencial das práticas educativas na atualidade: sermos capazes de agenciar tais “energias” sociais e favorecermos mediações que possibilitem a efetiva interação humana, a abertura à alteridade e o reconhecimento do outro como parte irredutível de nossa própria formação.

A fronteira entre formas de sociabilidades menos institucionalizadas, lúdicas e potencialmente criativas; o recrudescimento do individualismo e do isolamento é muito tênue e requer nossa máxima atenção ética, política e sensível.

3 - Juventudes e o viver junto na contemporaneidade

No contexto do espaço virtual tem se manifestado o desejo dos indivíduos de estar junto, onde, segundo Michel Maffesoli (2012), o vínculo social é ao mesmo “tempo sólido e pontilhado”, emergindo uma sociabilidade formada pelo “imaginário lúdico ou onírico”, que além de interagir e compartilhar, nos permite “viver vidas múltiplas”. Ou seja,

através dos pseudônimos, dos papéis desempenhados, de homepages verdadeiras ou falsas, cada um se investe de figuras arquetípicas e por aí se inscreve na linhagem, com a concatenação assegurando a permanência da comunidade humana (MAFFESOLI, 2012, p. 96).

A sociabilidade pode ser identificada na multiplicação de comunidades virtuais onde se pode perceber o “desejo de comunhão”, blogs, Twitter, Facebook, WhatsApp e outros, que potencializam a “mobilização” como uma capacidade de pessoas agirem juntas mesmo sem se conhecerem. Assim, contrariamente ao que muit@s afirmam, as tecnologias podem não estar contribuindo para as solidões, mas sim, para

uma nova ligação: estar, sempre, em contato, em união, em comunhão, ser antenado. [...] o ‘ciberespaço’ é um laço, de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social (MAFFESOLI, 2012, p. 98).

Os dispositivos móveis apresentaram a possibilidade de expandir o território comunicacional, melhorar a visualização do cenário político e movimentar o espaço urbano e mostrar como a liberação da palavra na Internet pode transformar a opinião pública em produção cultural através das redes sociais (blogs, Wikis, Facebook, WhatsApp, Twitter). Para Manuel Castells,

a comunicação em rede oferece enormes possibilidades de incrementar a participação cidadã ao invés de reduzir a democracia a um voto midiático a cada quatro anos. E como há canais institucionais, a sociedade se expressa através de suas formas autônomas de debate, organização e manifestação, online e nas ruas. Nesse sentido, a comunicação em rede está revitalizando a democracia mediante a crítica aos partidos burocratizados e aos políticos corruptos (FONTES, 2015, s/p).

O dispositivo móvel utilizado como objeto de questionamento na pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013” foi o celular. Quando relacionados os dados dos questionamentos sobre quais finalidades de utilização do celular e da Internet, nossas juventudes apontaram que utilizam a Internet para: sites de relacionamento, 56%; buscar notícias sobre a atualidade, 43%; pesquisas/mecanismos de busca, 31%; baixar músicas e vídeos, 23%; e enviar/ receber e-mails e mensagens, 23%. Como educador@s estamos diante de uma nova ferramenta que possibilita um cenário menos opaco politicamente e culturalmente e a construção de novas formas de “fazer sociedade”.

Apesar das redes e dos dispositivos móveis poderem ser nossos fortes aliados na reinvenção da ética e da política, algo não pode sair de nosso campo de visão: os prejuízos de uma compressão desmedida do tempo que nos cobra o preço subjetivo da aceleração constante e da ansiedade disso decorrente. Não podemos desconsiderar as evidências de que temos também nos tornado, cada vez mais, os sujeitos da angustiante incerteza cotidiana, do vazio e da ansiedade. Está aí a questão do futuro! (RATTO, 2014).

Segundo Carmen Leccardi, o mecanismo de significação de futuro parte da construção da identidade pessoal como um projeto “o que quero ser?”, dando a este um sentido de agir; sendo assim, “o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será” (2005, p. 36).

Com efeito, quando a incerteza aumenta para além de certo limiar e se associa não apenas com a ideia de futuro, mas com a própria realidade cotidiana, pondo em causa a dimensão do que é considerado óbvio, então o “projeto de vida” tem seu próprio fundamento subtraído (LECCARDI, 2005, p. 36).

O que se tem em jogo nas sociedades contemporâneas é um futuro governado pelo risco, passando de aberto para indeterminável, incerto e ameaçador, produzindo uma sensação constante de alerta, de impotência e de insatisfação.

Notas Finais

Em uma sociedade caracterizada pelo reforço do processo modernização pautado no avanço da ciência e da tecnologia, que tem por objetivo de controlar os fenômenos naturais, de afirmar a autonomia da subjetividade e de intensificar as redes de comunicação e o acesso ao conhecimento, a regra é estar conectado e acelerar. Desta forma, risco e potência são dados que precisam estar na nossa agenda como educador@s, para examiná-los generosa e criticamente.

Os dados da pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013” demonstram que temas relevantes à sociedade, mesmo que estes sejam da esfera mais próxima à realidade d@ jovem, @ mesm@ aposta em uma conversa com seus pares, principalmente, através das redes sociais.

Pensando o futuro como um espaço do devir indeterminado e inseguro, a potência da virtualidade pode estar no “cruzamento peculiar entre a “anarquia do futuro”, para empregar a expressão de Elisabeth Grosz (1999), e a hesitação, a ânsia, o desejo, mais ou menos subterrâneo, de substituir o projeto pelo sonho” (LECCARDI, 2005, p. 50).

As redes virtuais têm constituído diferenciados espaços de vida, uma multiplicidade de novas práticas

de si e ações coletivas de inteligência que potencializam as sociabilidades e abrem perspectivas para um futuro que estamos a forjar a cada instante. Cabe-nos utilizá-las como nossas aliadas na produção desses dispositivos de (auto)formação, com os quais @s jovens se conectam e convivem constantemente.

Torna-se fundamental, neste contexto, exercermos o papel de adultos, agora não mais definidos como portadores das certezas sobre do futuro, mas como aqueles que acolhem, mediam e facilitam o percurso com o repertório já acumulado.

Em um período histórico de crise do futuro (e de crise da concepção da juventude como transição para a vida adulta tout court), delinea-se assim um novo “estado de ânimo” juvenil em relação ao tempo. Em seu centro está a necessidade de não se deixar engolir pela velocidade dos eventos, de controlar a mudança equipando-se para agir prontamente, de não desprezar o tempo deixando que “as coisas aconteçam”, de não se deixar encurralar pela insegurança difusa. Ainda que o tempo vivenciado seja sobremaneira incerto, o que parece importante é, sobretudo, “manter a rota”, não perder a direção interior (LECCARDI, 2005, p.53).

Quem são nossos contemporâneos? Com quem vivemos? Nunca a questão foi tão atual. Importa seguirmos com o diálogo aberto, para que novos sentidos possam emergir. Assim, longe de traçar um cenário pessimista no qual as juventudes estariam desinteressadas pelo futuro e cada vez mais individualistas, podemos pensar criativamente nessas transformações da vivência do tempo, e criarmos condições de “costura” entre

os projetos biográficos “pessoais” e o sentido de um mundo coletivamente viável e possível.

Aí está, talvez, o grande desafio de todos nós educadores diante dos jovens na atualidade: auxiliá-los a desacelerar, a confiar na vida e dar sentido às suas existências!

“O QUE FAZER
PARA QUE A
CRIANÇA TENHA
A SUA VOZ
RESPEITADA NA
RADICALIDADE DE
SUA DIFERENÇA?”

Referências

- BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros**. Secretaria Nacional da Juventude. Brasília. SNJ. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juventude_brasil_-_pesquisa_/1?e=12152407/10902032>. Acesso em: 24 fev. 2016.
- BARTHES, Roland. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. Coleção Roland Barthes. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- BECK, Ulrich. **Liberdade ou Capitalismo**. São Paulo: UNESP. 2003.
- FONTES, Malu. Manuel Castells: “a comunicação em rede está revitalizando a democracia”. Correio da Bahia - 11.05.2015. Disponível em: <<http://www.frenteiras.com/entrevistas/manuel-castells-a-comunicacao-em-rede-esta-revitalizando-a-democracia>>. Acesso em: 30 abril 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 2004.
- LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. v. 17, n. 2, São Paulo: 2005.
- LEMOES, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulos. 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- RATTO, Cleber Gibbon. **Enfrentar o vazio na cultura da imagem: entre a clínica e a educação**. Pró-Posições. v. 25. São Paulo: UNICAMP. 2014. p. 161-180.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. São Paulo: 2005.
- SIMMEL, George. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. 118 p.
- UNESCO. **Redação sem Discriminação**. São Paulo: Textonovo. 1996.

JULIANA CABRAL

IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA DISCUSSÃO POLÍTICO-SOCIAL

Graduada em Administração – Discente do curso de Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Nas últimas décadas, o termo “gênero” tem recebido espaço e diferentes narrativas. O crescente destaque se dá pela seriedade do tema que está sendo debatido em diferentes esferas sociais na contemporaneidade, especialmente no domínio político-social. Inicialmente o conceito era compreendido “como uma construção sócio-histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO 2000). No decorrer do tempo, essa expressão absorveu novos conceitos e experimentou uma mudança em diferentes âmbitos, sobretudo no que tange às dicotomias das sexualidades. Segundo Ribeiro e Soares (2007), “não significa negar a biologia dos corpos, mas também considerar as construções culturais historicamente produzidas”.

Na metade do século XX diversos movimentos sociais obtiveram repercussão midiática e o entendimento sobre os direitos individuais receberam amplitude e destaque. Através destes movimentos como, por exemplo, feministas, homossexuais e antirracistas, as noções dos direitos igualitários alcançaram o nível político, a fim de evidenciar a exclusão de uma parcela da população. Nesse sentido, a noção de gênero se definiu nesse contexto de lutas como um aparelho das minorias de resistência contra a discriminação e os preconceitos sociais no tocante aos sexos, raças e estilos de vida.

A subjetivação pela sexualidade dirigida por ideologias de gênero atua através de um caráter imperioso e coercitivo de códigos morais da sociedade, e carrega inúmeras formas simbólicas de discriminação. Nesse

sentido, argumenta Verón (citado em Heck, 1996), “ideologia é, conseqüentemente, um nível de significação, o qual pode estar presente em qualquer tipo de mensagem, mesmo no discurso científico. Qualquer material de comunicação social é suscetível de uma leitura ideológica”. Apesar de que se digam contra uma “ideologia”, grupos extremistas e religiosos agem para interromper a solidificação de valores básicos da democracia.

A promoção do respeito, pluralidade e diversidade de gênero, atualmente está na pauta dos debates em muitos contextos educativos, justamente devido à forma que os movimentos sociais atuam na arena política. É perceptível que, em sua maioria, são os jovens que participam de movimentos sociais, de manifestações dentro do cenário político-social. Na biografia brasileira estas intervenções sócio-políticas se apresentam de modo expressivo nos últimos anos. Entende-se que os meios de comunicação influenciam esta participação – principalmente a televisão e as mídias digitais, que de certa forma, produzem e disseminam “verdades”. Nesse sentido, discussões sobre as “anormalidades” se fazem presentes

“NÃO SIGNIFICA
NEGAR A BIOLOGIA
DOS CORPOS,
MAS TAMBÉM
CONSIDERAR AS
CONSTRUÇÕES
CULTURAIS
HISTORICAMENTE
PRODUZIDAS”

Entrelaçados a valores, prescrições, opiniões, que certamente carregam a marca de opções políticas, ideológicas, econômicas, assumidas pelo roteirista, pelo diretor, pela emissora, numa certa época. Importa é que esses produtos tematizam de alguma forma a juventude brasileira, falam com ela, dirigem-se a ela, buscam-na avidamente na condição de público consumidor e posicionam-se como lugar de educação e formação de gerações mais novas (FISCHER, 2005, p. 49).

nos diversos produtos midiáticos.

Associadas a estas aparições que delineiam a existência coletiva, estão as de “ideologias de gênero”, abarcando justificativas ou “racionalizações” dos jovens “que sustentam direitos desiguais em circunstâncias semelhantes” (FERREIRA, 2006, p. 4). Vale ressaltar que a juventude é “uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, de uma cultura para a outra, e até mesmo no interior de uma mesma sociedade” (AQUINO, 2009, p. 29).

Faz-se necessário então, pensar nessa socialização dos jovens no domínio dos estudos políticos, principalmente no que compreende as desigualdades de gênero. Segundo SPOSITO (2009), a Ciência Política figura como a área das Ciências Sociais com o menor desenvolvimento de estudos sobre juventude e a ausência da perspectiva de gênero, quando comparada com a Sociologia e a Antropologia. É de fato importante refletir sobre essa carência, especialmente, pois envolvem questões de cidadania.

O conceito de gênero é relevante para examinar as perspectivas e os comportamentos da juventude, pois permite identificar como se estabelecem redes de relações sociais e políticas por e entre os gêneros. Igualmente, enquanto variável sociocultural, como as de classe social, raça/etnia, geração e/ou crença religiosa, ajuda a captar a juventude em sua diversidade. Enfim, o gênero enquanto categoria de análise possibilita dimensionar como os valores atribuídos a atividades e competências adentram o espaço público e interagem com condicionantes sociais, culturais, políticos e econômicos (PRÁ, 2013, p.4).

As construções sociais de gênero são produzidas nas sociedades; percebemos então a necessidade de discussão sobre o tema em diversos espaços, principal-

mente no cenário político-social, para que possamos retirar o reforço de ideologias e estereótipos que são naturalizados. Nesta amplitude citamos Biroli (2014):

O estímulo à tolerância e ao respeito à liberdade sexual, por meio de leis e de campanhas educacionais nas escolas e nos meios de comunicação, é necessário para o igual reconhecimento dos indivíduos e para a construção de ambientes justos e favoráveis ao desenvolvimento das crianças (BIROLI, 2014, p. 58).

Nos espaços educativos, como a escola, por exemplo, as atuações de discriminação são evidentes e produzem demasiadas consternações. Para os indivíduos que recebem esse tratamento excludente fica manifestada a dificuldade de socialização, a redução do aproveitamento escolar e a desvalorização de sua “inadequada” vida com seus valores individuais. Por este motivo, a importância de se discutir este assunto na esfera política, pois assim poderá refletir nas diversas mídias e também nas escolas, nas quais ocorre a socialização dos sujeitos.

Entendemos como necessárias reflexões sobre a sociedade que queremos e nas subjetividades que desejamos, em prol da igualdade, que respeite a diversidade de corpos, de valores, de culturas, que se adeque as pluralidades. Essa discussão passa pelos espaços políticos e a pretensa justiça parece-nos possível se estes aspectos embasarem a educação dos sujeitos. O importante é que o respeito às diferenças esteja presente na sociedade, entendendo-a em todos seus aspectos enquanto espaço educativo.

Referências

- AQUINO, Luseni Maria C. Introdução. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE Carla Coelho de [Org.]. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, p. 23-39.
- BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.
- FERREIRA, Pedro Moura. **Gênero, juventude, e espaço público na Europa**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7 □ Gênero e Preconceitos, Anais. Florianópolis, 2006.
- FISCHER, Rosa María Bueno. **Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na cultura**. Cad. Cedes, Campinas, 2005, vol. 25, n. 65, p. 43-58.
- HECK, M. C. **The ideological dimension of media messages**. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe, & P. Willis (eds.). *Culture, media, language* (pp. 122-127). London: Routledge, 1996.
- LOURO, G. L. **Corpo, Escola e Identidade. Educação e Realidade**, Porto Alegre, n 2, p. 5976, jul/nov. 2000.
- PRÁ, Jussara Reis. **Estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude brasileira**. Revista Feminismos, Salvador, 2013, Vol. 1, N.3.
- RIBEIRO, P.R.C. e SOARES, G.F. **As identidades de gênero**. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar** – Caderno Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.
- SPOSITO, Marília Pontes. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, v. 1, pp. 17-56.

ANGELA TORMA PIETRO & MARIA ANGELA MATTAR YUNES

HISTÓRIA DE MARIA

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI:
O QUE PENSAR DESSA REALIDADE?

Angela Torma Pietro. Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora da Rede Pública Municipal e Professora do Curso de Direito da Faculdade Anhanguera do Rio Grande.

Maria Angela Mattar Yunes. Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Permanente do Programa em Educação da Unilasalle e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.



Olá Pessoal! Vocês já me conhecem, meu nome é Cauã e sou amigo da Maria. Hoje vim contar para vocês mais uma de nossas descobertas.

Na aula dessa semana, a professora Fafá começou a falar sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que está completando 26 anos. Ela dizia que essa lei é muito importante para nós, pois mudou muitas coisas na vida dos pequenos e jovens brasileiros. A principal é que busca garantir a proteção integral de todos os direitos fundamentais das crianças e adolescentes, tais como: vida, saúde, liberdade, respeito, dignidade, educação, cultura, esporte, lazer, convivência familiar e comunitária, profissionalização e a proteção no trabalho; e que foi a partir dessa lei que as crianças e os adolescentes passaram a ser considerados sujeitos de direitos.

Então surgiu logo uma dúvida e perguntei para a Professora Fafá: “Professora, o que acontece quando uma criança faz algo errado? Ela vai presa?”. A Maria interrompeu em seguida e disse: “Não, Cauã, existem locais específicos para crianças, onde elas são levadas e afastadas dos seus pais ou responsáveis por um tempo”. Fiquei mais

confuso ainda e pedi para a Professora Fafá explicar melhor. Daí surgiu o debate sobre “os adolescentes em conflito com a lei”.

Bom, a professora Fafá explicou que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, é considerada criança uma pessoa até 12 anos de idade incompletos e que, pra ser adolescente, a pessoa deve ter de 12 a 18 anos incompletos. É importante destacar que, em casos excepcionais, o Estatuto pode ser aplicado para pessoas com até 21 anos de idade.

Agora podemos começar a pensar o que significa dizer que um adolescente está em conflito com a lei e porque este tema é importante para estudar e compreender.

Não é nada incomum ligar a TV e ver notícias divulgando situações violentas envolvendo adolescentes, tais como: roubos a pedestres, mortes, estupros, assaltos à mão armada, etc. Fatos

que são considerados crimes quando praticados por pessoas com 18 anos ou mais, pois desrespeitam direitos como: respeito à vida, ao patrimônio, à dignidade sexual. Quando as mesmas condutas são realizadas por adolescentes, elas são consideradas atos infracionais.

“NÃO É NADA INCOMUM LIGAR A TV E VER NOTÍCIAS DIVULGANDO SITUAÇÕES VIOLENTAS ENVOLVENDO ADOLESCENTES”

O QUE É ATO INFRACIONAL?

“Art. 103. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”. (ECA, 2016)

QUEM PRATICA ATO INFRACIONAL?

“Art. 104. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta Lei. Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato”.

Os atos infracionais são considerados de maior gravidade e quando praticados por crianças são encaminhados ao Conselho Tutelar que aplica as medidas protetivas. Quando praticado por um adolescente é necessário fazer o boletim de ocorrência na Delegacia de Polícia, encaminhado para o Ministério Público (arquivar, remissão, representação) e Juizado Especializado da Infância e da Juventude (medida socioeducativa).

A professora Fafá explicou que, quando uma criança comete um ato infracional, são aplicadas medidas protetivas. Para exemplificar, ela leu para todos nós o artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

SÃO MEDIDAS PROTETIVAS:

“I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II - orientação, apoio e acompanhamento temporários; III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV - inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente; V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII - acolhimento institucional; VIII - inclusão em programa de acolhimento familiar; IX - colocação em família substituta” (Art. 101 do ECA).

Eu fiquei cada vez mais interessado e perguntei: “E o adolescente, ele vai preso ou vai para as casas que a Maria falou? Que locais são estes que eu nunca ouvi falar?”. Então a professora Fafá pediu para que todos nós realizássemos uma pesquisa sobre o adolescente e a prática do ato infracional. Assim, eu e a Maria fomos para a biblioteca da escola para realizar nossa pesquisa. Descobrimos que as medidas protetivas são aplicadas tanto para casos que envolvem a participação de crianças quanto de adolescentes.

QUANDO QUE AS MEDIDAS DE PROTEÇÃO SÃO APLICADAS?

“Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III - em razão de sua conduta” (ECA, Art. 98).

No caso dos adolescentes que cometem um ato infracional, ocorre que eles precisam ser protegidos deles mesmos, ou seja, devem ser resguardados de cometer novamente a mesma conduta inadequada para o seu desenvolvimento saudável. Portanto, além dessas medidas, são aplicadas também as medidas socioeducativas.

O QUE SÃO MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS?

São medidas aplicadas ao adolescente quando este comete um ato infracional. São elas: “Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semi-liberdade; VI - internação em estabelecimento educacional.

Em nossa pesquisa aprendemos também que existe uma preocupação em julgar como o adolescente vai cumprir a medida e qual foi a gravidade da infração cometida.

Quando retornamos para a sala de aula, todos queriam falar e apresentar suas pesquisas. Eu e Maria fomos os primeiros a apresentar nosso trabalho. Resolvemos falar sobre a importância das medidas socioeducativas para que o adolescente não cometa mais erros que o prejudique e prejudique outras pessoas. E que não devemos mais usar a expressão “adolescente infrator”, mas sim “adolescente em conflito com a lei”. Quando falamos em adolescente infrator, partimos da ideia de uma natureza infratora e permanente; tipo pensamos que as pessoas “nascem infratoras”, o que não é verdade. Já quando usamos “adolescente em conflito com a lei” ou ainda “autor de ato infracional”, temos a compreensão de que esse indivíduo está vivendo um momento circunstancial complicado e que pode e deve ser superado, pois ele pode mudar e ser um bom cidadão se receber ajuda de uma rede de amparo e proteção. Ninguém supera o sofrimento tão facilmente se não buscar e não receber ajuda de outros... assim, “adolescente infrator”

é uma terminologia que estigmatiza o indivíduo e que também viola o respeito à sua dignidade e a sua condição de pessoa em desenvolvimento.

Além disso, falamos sobre as causas que levam um adolescente a cometer um ato infracional, e entendemos que elas são diversas, tais como: conflitos familiares diversos, negligência de cuidados básicos, abandono, violência, dependência química, falta de limites e até algumas questões subjetivas.

A professora Fafá ficou muito orgulhosa e emocionada com a nossa pesquisa, pois ela relatou que a sociedade muitas vezes apresenta má vontade para discutir essas questões, pois prefere velar e tratar esses indivíduos como criminosos e sem recuperação. Ela falou: “Esse sim, é um grande equívoco social e é nosso dever reagir contra essa postura de segregação e de preconceito”. É nosso dever conhecer e pensar sobre o assunto para melhor refletir e compreender esse

“ESSE SIM, É
UM GRANDE
EQUÍVOCO SOCIAL
E É NOSSO DEVER
REAGIR CONTRA
ESSA POSTURA DE
SEGREGAÇÃO E DE
PRECONCEITO”

fenômeno que coloca tantos jovens em situação de vulnerabilidade social. Não queremos assistir nossas crianças e adolescentes trilhando um caminho sem volta. Vamos estudar bastante e lutar por uma infância e uma juventude mais digna e feliz!

CLAUDIA VIANNA | MARIA CRISTINA CAVALEIRO

LESBOFOBIA E COTIDIANO ESCOLAR: CONTROLE INVISÍVEL DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Claudia Vianna. Livre Docente. Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Educação. Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação.

Maria Cristina Cavaleiro. Doutora. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Campus Cornélio Procopio. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Colegiado de Pedagogia/Campus Cornélio Procopio.

Ao focarmos o cotidiano da escola em nossas análises, lembramos que o processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento sobre a diversidade sexual e pelo despreparo no trato com a temática, revelando preconceitos e discriminações, tanto por parte de professores (as) quanto de estudantes. Nesse sentido, os espaços escolares enfrentam a alta incidência da homofobia – conceito este compreendido enquanto “uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquia das sexualidades” que “confere à heterossexualidade um status superior, situando-a no patamar do que é natural, do evidente” (BORRILLO, 2001, p.15).

Já existem muitas denúncias em relação à homofobia na escola, mas são poucas as referências a estudos acadêmicos sobre garotas que revelam seu desejo, sua atração por outras garotas no ambiente escolar: as referências às lesbianidades são menos comuns. Nesse sentido, cabe alertar para o fato de que o preconceito e a discriminação dirigidos às lésbicas não são da mesma ordem que os da homossexualidade masculina, por isso trazemos a noção de LGBTfobia para marcar as diferenças contidas nas variantes da própria sigla (AVELAR; BRITO; MELLO, 2010).

A seguir apresentamos alguns fragmentos de relatos obtidos em pesquisa realizada em uma escola pública estadual de ensino médio, sobre as vivências de garotas – entre 16 e 17 anos – que se autocalificaram lésbicas, homossexuais ou bissexuais.

Quando a LGBTfobia se traveste de cuidado

Numa acepção de dicionário, um exagero significa que algo está sendo feito com excesso e se traduz como abuso. Na discussão dos limites para beijos considerados exagerados na escola, uma das professoras (participante de grupo de discussão) relata que “duas meninas, que se beijavam no pátio da escola e foram chamadas na sala da coordenadora para ver o que seria feito. [...] para protegê-las [...] evitar que sofressem com tal exposição, pois isso era um exagero”.

Entretanto, o beijo entre as garotas, além de ser considerado “um exagero”, também agregava a conotação de escândalo. Durante uma conversa realizada numa sala (da coordenadora), prescrevia-se às garotas que:

quando vocês duas decidem dar um beijo na boca, vocês sabem que não vão mais passar pelo corredor, despercebidas, todas vocês serão apontadas, faladas. Então o que vocês querem (é) uma vida normal? Vocês querem chamar atenção, vocês querem viver o amor de vocês da forma que acham que devam? Essa atitude vai fazer com que fiquem procuradas aqui dentro. (Professora. Grupo de discussão)

Na estratégica retórica do discurso, em nome do cuidado desvelava-se o estigma da proibição do beijo e sugere-se que as garotas faziam algo que não deveria ser realizado em público e que nem deveria ser percebido. A sexualidade não-heteronormativa se constituiu como um “problema” na medida em que as garotas requisitavam visibilidade e pertencimento social diante de posturas que afirmavam a LGBTfobia na escola. Um jogo sutil dos discursos autorizados, para ensinar que a experiência dos beijos (e dos afetos) deve ser ocultada:

foi uma conversa para dizer que não tinham como continuar com esse temperamento[...] evitar que tivessem problema, e que não viessem mais para a escola. Por isso (foram) alertadas [...] sobre cada atitude que têm (pois) vocês são aquilo que fazem (Professora, grupo de discussão).

Materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, percebem-se os efeitos da matriz organizativa da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 1990, 2005) ou da LGBTfobia.

Quando as garotas são proibidas de expressar seus afetos e levadas para uma sala para uma conversa especial, tal ação parece ser concebida como proteção, para que não sejam molestadas; mas revela uma precaução, uma prática insidiosa que fomenta a LGBTfobia na escola e imprime uma expectativa constante da não-aceitação e da segregação social. Um “discurso de proteção” que cria vulnerabilidade, no qual a ignorância circula camuflada na forma de conhecimento (BRITZMAN, 1996). Afinal, se uma

garota declarasse sua atração ou interesse por um garoto, seria aconselhada a “não continuar com esse temperamento”?

Uma forma específica de LGBTfobia – a lesbofobia (BORRILO, 2001) – mantém a discriminação em sua forma dissimulada, menos explícita, mas não menos presente e causando prejuízos. Formas de regulação dos afetos e das percepções sobre as vidas dignas ou indignas. O marco normativo heterossexista torna precária a vida das garotas: controle invisível da liberdade de expressão, da liberdade de ser, de viver sem medos, sem angústias, sem a necessidade de esconder-se.

Em última análise, trata-se de uma violação aos direitos humanos (o direito à não-discriminação) e, no caso específico da escola, ao direito à educação; que inclui, entre outros, o direito legítimo de reconhecimento dessas garotas – com seus beijos, afetos e desejos – no ambiente escolar.

“O BEIJO ENTRE AS
GAROTAS, ALÉM DE
SER CONSIDERADO
“UM EXAGERO”,
TAMBÉM AGREGAVA
A CONOTAÇÃO DE
ESCÂNDALO...”

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- AVELAR, R. B. DE; BRITO, W.; MELLO, L. A. (in) **segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas**. 2010. Disponível em: <<https://www.sertao.ufg.br/Politicaslgbt/interna.php?id=5>>. Acesso em 10/09/2014.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.
- BRASIL/MEC/INEP. **Pesquisa sobre discriminação e preconceito no ambiente escolar – Principais resultados**. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/documents/diversidade_apresentacao.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2013.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun., 1996.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York; London: Routledge; Chapman & Hall, 1990.
- _____. **Cuerpos que importam: sobre los limites materiales e discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- CAETANO, Márcio. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- CAVALEIRO, Maria Cristina. **Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- FERRARI, Anderson. **Experiência Homossexual no contexto escolar**. Educar em Revista, v. 1, p. 101-116, 2014.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2009. p.85-93.
- RAMIRES, Lula. **Habitus de Gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

GABRIELA NOBRE BINS | HELENA MEIRELLES

O QUE PODE UM CORPO?

DISCUTINDO GÊNERO, SEXUALIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS ATRAVÉS DO CORPO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

Gabriela Nobre Bins – Mestre em Ciência do Movimento Humano pelo PPGCMH/UFRGS, SMED-POA

Helena Meirelles – Licenciada em Artes UFRGS, SMED-POA.

Este é um relato de experiência de uma escola municipal de Porto Alegre. O projeto “O que pode um corpo?” é uma tentativa de trabalho conjunto entre as disciplinas de Educação Física e Arte Educação. Em uma perspectiva transdisciplinar, buscamos a compreensão do mundo presente a partir do que está entre, através e além das disciplinas. Partindo do pressuposto que ambas as disciplinas têm o corpo como matéria-prima e de que, segundo o filósofo Merleau Ponty (1999), o corpo é um cenário em relação ao mundo; então, precisamos explorar na escola as possibilidades desse corpo. Para Rodrigues (2006), o corpo é o primeiro, mais natural e concreto patrimônio que o homem possui. Já Levi Strauss (1976 apud Rodrigues 2006) afirma que o corpo é mais social do que individual, porque ele expressa metaforicamente os princípios da vida coletiva. Gomes ressalta que “tanto na instituição escolar como na sociedade, o corpo é o veiculador da comunicação do sujeito, falando a respeito da sua maneira de estar no mundo, sendo natural e simbólico ao mesmo tempo, mas, antes de qualquer coisa, cultural” (GOMES, 2002, p.41). Sendo assim, ele é um importante locus de trabalho pedagógico. A partir da ideia de aulas conjuntas entre duas turmas de c30, último ano do 3º ciclo do ensino fundamental, trabalhamos atividades que possibilitassem uma reflexão sobre que corpo é esse que nós somos, que anda ao nosso lado e que preenche este mundo. O que pode um corpo? Pierre Bourdieu (1990:73) já dizia que o que é aprendido pelo corpo não é algo que se possui como um conhecimento, mas é algo que se é. Ou seja, todas as nossas vivências passam pelo nosso corpo e é a partir da incorporação que vamos construindo nosso ser e nossa bagagem de conhecimento. Quando se entra na escola não se deixa o corpo no portão de entrada; “ele” somos nós, mas o que é que eu faço com esse corpo? Através do corpo pretendemos discutir questões de gênero, etnia,

sexualidade e classe social.

A escola onde foi realizada essa atividade fica num dos bairros com o menor IDH e também um dos mais violentos da cidade de Porto Alegre. É uma escola com cerca de 1400 alunos. As turmas envolvidas foram as 3 turmas do último ano do 3º ciclo, com 30 alunos em média em cada uma, na faixa etária de 14 a 16 anos.

Este projeto se estendeu por três meses e procurou sensibilizar os alunos para as diversidades corporais e suas possibilidades. Primeiramente, cada disciplina trabalhou com elementos corporais em suas aulas. Na Educação Física, trabalhamos com aulas de expressão corporal e dança criativa, proporcionando vivências onde os alunos entrassem em contato com seus corpos e os corpos dos colegas. Nas aulas de expressão corporal os alunos fizeram exercícios em duplas, onde um era o escultor que modelava o corpo do outro formando estátuas. No início, tiveram dificuldade no contato com o corpo do colega, mas com o tempo eles foram sentindo-se mais confortáveis com o toque. Em outras aulas, os alunos foram divididos em grupos por gênero e tinham que montar monumentos com seus corpos; no primeiro, deviam representar como eles achavam que o gênero oposto os vê. As meninas fizeram uma estátua que enfatizava partes do corpo como seios e bunda, representações da maternidade e da casa. Já o monumento dos meninos mostrava dinheiro, bebida, drogas e carro. Em seguida, foi pedido que cada grupo fizesse um monumento de como eles viam o outro grupo. As estátuas então variaram um pouco. Ao representarem como as meninas viam os meninos, os elementos que compunham a cena foram: um pai brincando com as crianças, um abraço, um companheiro de dança, mas também a bebida, o dinheiro e a violência contra a mulher e os filhos. Na estátua dos meninos, por sua vez, apareceu muito presente o sexo, a figura

materna e os cuidados domésticos; porém também apareceu a figura do carinho e companheirismo. Depois disso, sentamos em uma roda de conversa sobre os monumentos. Discutimos como esses estereótipos de gênero são construídos desde cedo, inclusive através dos brinquedos. Uma aluna falou: “é claro que eles iam fazer a gente na cozinha ou cuidando dos filhos, porque desde pequena se eles ganham bola, carrinho e skate a gente ganha boneca e panelinhas!” Outra atividade realizada foi a análise de corpos representados na mídia, buscando visualizar quais corpos são vinculados nesses meios de comunicação, além de discutir quem eles representam e como nos enxergamos neles. Os alunos analisaram revistas como *Caras*, *Capricho*, *Gloss*, *Corpo a Corpo* e *Placar*. Contaram as pessoas por gênero e raça e perceberam como existem poucos negros nas revistas. Na revista *Capricho*, por exemplo, os alunos contaram 274 pessoas, entre elas 152 mulheres, 122 homens, 268 brancos e 5 negros. Os alunos compararam os percentuais dos resultados com os percentuais da autodeclaração de raça do IBGE e perguntaram: Como pode, se nos dados do IBGE mais da metade da população é negra, o que aparece na mídia é uma maioria branca e muitos poucos negros?

Nas aulas de Arte Educação foram trabalhados o autorretrato, máscaras, desenho e fotografia. As máscaras feitas de gesso foram construídas em duplas, um modelando o rosto do outro e depois pintadas individualmente. Na fotografia, cada aluno escolhia a parte do corpo que mais lhe agradava para fotografar e, depois, fizemos um jogo de adivinhação para identificar de quem era cada fotografia. Todo o processo foi permeado por discussões de como cada corpo é único apesar das semelhanças, e de como nossa sociedade insiste em construir estereótipos.

Depois fizemos oficinas conjuntas, com duas turmas e as professoras de Educação Física e Arte Educação. Nessas aulas-oficinas, os alunos faziam releituras de imagens corporais dentro dos seguintes temas: corpo e sexualidade, corpo étnico, corpo e diversidade física, corpo político, corpo identidade e corpo como arte. Nessas oficinas, ao entrarem na sala, os alunos se deparavam com vários envelopes numerados espalhados pelo chão. Nos envelopes havia 3 imagens que representavam os

assuntos citados e uma frase ou poesia. Eles trocaram ideias sobre as imagens e frases, buscaram uma ligação entre elas e depois escolheram uma que os representasse; então, fizeram com seus corpos uma releitura da imagem e de suas reflexões. Após essa releitura, fizemos rodas de conversa onde os alunos discutiam as releituras. Durante todos os momentos das oficinas procuramos possibilitar a reflexão sobre o que pode um corpo e que corpos são esses que habitam esse espaço. Além dessas oficinas, assistimos a três espetáculos teatrais e caminhamos pelo bairro fotografando os corpos que havíamos discutido anteriormente. A saída de campo foi um momento muito interessante, porque os alunos precisaram fazer um exercício de estranhamento, ou seja, tornar estranho aquilo que lhes é familiar. Passaram a olhar para sua comunidade buscando detalhes que muitas vezes passavam despercebidos. Para fazer uma síntese de tudo que trabalhamos ao longo do projeto, os alunos montaram uma instalação com imagens de corpos preenchidos por imagens e frases do que lhes tocou no processo, tentando expressar de forma artística toda a sua percepção da experiência a qual foram submetidos.

Trabalhar o corpo e com o corpo não é uma tarefa muito fácil na escola, pois carregamos uma série de pré-conceitos e tabus sobre ele e, para superá-los, às vezes é dolorido e leva tempo. O projeto “O que pode um corpo?” mexeu muito com os alunos e de formas diversas. Alguns ficavam muito incomodados com as discussões, outros com o toque. Vários alunos sentiram-se incomodados com a união de duas turmas. Mas aos poucos os alunos foram se acostumando a abandonar a segurança da sua turma e se aventurar em novas experiências. Em uma conversa final de avaliação, pudemos perceber que alguns alunos conseguiram ser tocados pela experiência e passaram a encarar seu corpo e os corpos em geral de uma forma mais aberta, superando alguns preconceitos. Nós, professoras, também saímos dessa experiência tocadas e reconstruindo nossos entendimentos sobre o que pode um corpo. Reforçamos nosso entendimento de que em uma sociedade racista, machista e heteronormativa como a nossa, onde o corpo pode ser construído como um potente veículo de preconceito, precisamos transformar esses assuntos em conteúdo pedagógico.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set/out/nov/dez. 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (coleção Antropologia e Saúde).

Gabriela Nobre Bins – Mestre em Ciência do Movimento Humano pelo PPGCMH/UFRGS, SMED-POA, ganobre@hotmail.com, Silva S6 164/23, bairro Santa Cecília, Porto Alegre, RS, 90610270.

CAROLINE AMARAL AMARAL

LITERATURA JUVENIL: POTENCIALIDADES EDUCATIVAS

Caroline Amaral Amaral, graduada em Letras Português, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (FURG).

No dia 18 de maio de 2016, a Retratos da Leitura no Brasil publicou alguns dados referentes ao ano de 2015. Esta pesquisa quadrienal feita pelo Instituto Pró-Livro, executada pelo IBOPE Inteligência, tem como uma das finalidades promover a reflexão e estudos acerca dos hábitos de leitura d@s brasileir@s, a fim de identificar ações mais efetivas voltadas ao fomento à leitura e o acesso ao livro.

Dentre os dados publicados nesta quarta edição da pesquisa, aponta-se que pessoas com idade entre 14 a 29 anos costumam ler pelo deleite. Os fatores que influenciam na hora da compra do livro, nesta mesma faixa de idade apontada, é o tema que o livro aborda. No que concerne ao gênero literário, as pessoas que mais buscam por livros de literatura juvenil têm entre 11 a 17 anos. Além disso, Retratos da Leitura Brasileira aponta que pessoas entre 14 a 24 anos costumam ler os livros que adquirem, mas não têm o hábito de ler os que estão disponíveis na escola/universidade. Outro dado da pesquisa é de que a maioria dos entrevistados e das entrevistadas preferem ler os livros de forma impressa, e usam a Internet para ler notícias e informações. Romances, poesias, dentre outros, são preferencialmente lidos por meio do livro impresso.

Trago tais dados da recente pesquisa do Instituto Pró-livro com a intenção de desmistificar um discurso que muitas vezes ouvimos e reproduzimos: jovens não leem! Acredito que diante dos dados produzidos pela pesquisa, podemos ver que jovens costumam ler sim. Não tenho a intenção de entrar no mérito da discussão fazendo juízo de valor a respeito da literatura que vem sendo lida pel@s jovens, ou seja, se são cânones da literatura ou produções da contemporaneidade, ou mesmo discutir se são ou não literatura, mas creio que seja pertinente pensarmos que a literatura ainda tem o seu espaço com o público teen (basta pensarmos nos livros de Harry Potter, Saga Crepúsculo, a série

Divergente, dentre tantas outras produções recentes).

Ainda sobre os dados divulgados pela pesquisa, vê-se que os livros que se encontram disponíveis nas instituições escolares são pouco procurados se comparados aos livros que são adquiridos pel@s leitor@s. Me valho de tal informação para sinalizar a você, professor e professora de Literatura, que talvez nós não sejamos os @S principais responsáveis pelo direcionamento e mediação de leitura do público teen (claro, muitas vezes somos nós que auxiliamos na formação enquanto leitor@s; mas hoje não somos @s únic@s “tutor@s” de suas leituras).

José Filho (2011) diz que precisamos pensar a literatura como uma produção que se constrói dentro da cultura, e não como um veículo à parte. Assim, toda a produção literária está relacionada com as produções, crenças, costumes e contexto histórico da sociedade. Pois, sendo ela um artefato cultural, está imbricada na rede de discursos que circulam socialmente. Então, a partir disso, convido você leitor e leitora a pensar a respeito das produções literárias juvenis contemporâneas que venho pensando hoje.

Noto que atualmente as editoras têm buscado lançar livros juvenis que abordam as questões de gênero e sexualidade de uma forma mais explícita. Não que os livros para @s jovens não tratassem de tais assuntos há 10 anos – por exemplo –, mas percebo uma nítida preocupação em tirar o assunto das “entrelinhas” e colocá-lo em foco. Resgatando o pensamento de que a literatura é produzida dentro de contextos históricos e culturais, podemos ver que existe um cuidado em escrever histórias que têm como protagonistas personagens lésbicas, gays, transgêneros, intersexuais... dentre tantos outros sujeitos que vinham sendo personagens secundários, coadjuvantes das personagens protagonistas. Com produções como Garota Atrevida, de Karine Dias, que aborda a questão

da lesbianidade e Dois garotos se beijando, do autor norte-americano David Levithan, que retrata as questões da homossexualidade masculina, vemos que os sujeitos lésbicas, gays, intersexuais e transgêneros ganham voz para narrarem suas próprias histórias, saem do segundo plano e passam a ocupar o primeiro.

O livro Menino de Ouro nos possibilita pensar a respeito das normas de gênero que regem a nossa sociedade. A partir da história de Max Walker, um jovem de 16 anos que é intersexual (o que costumeiramente classifica-se como hermafrodita, mas aconselho você a usar esta nova nomenclatura), que fora criado como menino e não realizou a cirurgia de reparação da genitália. É uma produção que sinaliza o quanto precisamos ser um sujeito de gênero, dentro da lógica binária, para sermos compreendidos enquanto sujeitos legítimos. Ou seja, você precisa ser homem ou mulher... e sua genitália tem que estar de acordo com o seu gênero. Será que é o pênis e a vulva que determinam nossa identidade de gênero? Além disso, o livro possibilita pensar a respeito do abuso, gravidez na adolescência... dentre outros temas que podemos abordar.

Uma bebida e um amor sem gelo, por favor, da autora brasileira Liliane Prata, conta a história de uma publicitária que sempre manteve relacionamentos heterossexuais... até o momento em que conhece Rafaela. Marina, a protagonista, vai dividindo com o/a leitor/a a angústia de compreender sua identidade sexual, e a partir disso podemos levantar a questão: por que temos esta necessidade de nos encaixarmos em um “caixinha”? Hétero, bissexual, homossexual... ao fim e ao cabo precisamos mesmo nos classificar e permanecer nesta categoria? Bom, acho que a Daniela Mercury diria que não.

Diante dessas “novas produções”, dessas outras personagens que saem dos papéis secundários e passam a assumir o papel de personagens protagonistas, por vezes narrador protagonista, é possível notar a possibilidade de dar visibilidade para essas “novas juventudes”, essas outras maneiras de viver o gênero e a sexualidade, que por vezes ficou silenciada na literatura juvenil (e mesmo em outros artefatos

culturais) pela crença de que ao falar sobre tais temas se estaria “incentivando” a homossexualidade e transexualidade, por exemplo.

O livro Garoto encontra Garoto, de David Levithan, conta a história de um relacionamento amoroso entre dois jovens, mas creio que uma das personagens mais pontuais da narrativa é a Infinite Darlene, uma transexual que é do time masculino de futebol americano da escola e líder de torcida. Por meio dos amigos de Paul, personagem protagonistas, temos histórias de jovens gays que não são aceitos pela família, jovens gays que possuem uma relação harmoniosa com a família e também relações heterossexuais abusivas... temas pertinentes para discussão em sala de aula, mesmo para recomendação de leitura para os/as jovens (para nós adultos também!).

Quando temos produções como Todo dia, também de David Levithan, é possível pensarmos nas múltiplas formas de ser jovem na atualidade, e que essas diferentes identidades devem ser compreendidas e respeitadas, sinalizando a ideia de que a diferença deve ser fonte de aprendizagem com outro, e não justificativa de exclusões e preconceitos.

Bem, poderia escrever mais recomendações de livros... mas vamos nos encaminhando para o final, sim?

A literatura ainda possui espaço entre @s jovens, logo é necessário perceber que, além de pensar sobre os espaços por onde estão transitando @s jovens, é válido refletirmos sobre os livros que leem. Contudo, não digo isso com a intencionalidade de aconselhar “vigie a leitura d@s jovens”, mas convidá-los/las a abrir brechas para que estes “novos” livros ganhem espaço para debate, seminários e, por que não, sejam recomendados para leitura.

Encerro este texto defendendo a ideia de que estas produções literárias juvenis podem (e devem) ser vistas como aliadas para o seu trabalho, professor e professora. Antes de criticarmos a escolha literária d@s jovens, seria prudente compreender o motivo que o/a levou à escolha, pois pode ser que os livros sejam a possibilidade de lhes permitir viver aquilo que desejam, aquilo que são, mesmo que de forma “fictícia”.

Referências

COLOMER, Teresa. A Formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

RESENHA



G.B.F. (2013)

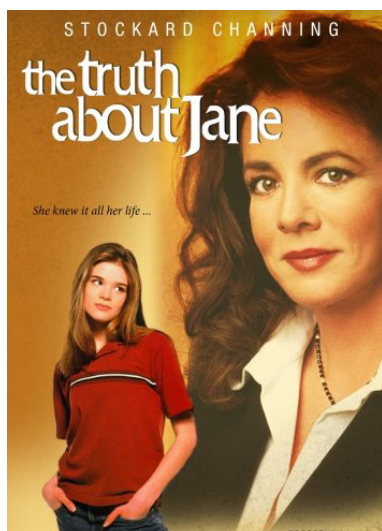
O filme é uma comédia que conta a história de Tanner, um adolescente homossexual não assumido e nada popular no colegial. Ao ganhar um telefone novo, seu amigo Brent, que também é homossexual não assumido, decide que Tanner tem de instalar um aplicativo chamado de “Guydar” que serve para se relacionar e conhecer homens gays de vários lugares. Porém, mesmo hesitando, Tanner cai na conversa de Brent e acaba por instalar o aplicativo. Sem perceber, o telefone do adolescente acaba por tocar durante uma aula, e Tanner logo se vê em uma enrascada, quando o dispositivo revela a sua sexualidade para seus colegas de escola – que passam a vê-lo como um pária social na hierarquização do sistema da escola estipulado pelos alunos. Este fenômeno faz com que os amigos entrem em conflito e se tornem inimigos, o que começa a irritar o núcleo de amizades comum aos dois envolvidos; porém quando Tanner se vê diante de colegas homofóbicos que querem bater nele, o garoto decide tomar uma atitude desesperada para se proteger do preconceito: se juntar às garotas

populares da escola que estavam à procura de um G.B.F. (Gay best friend, no original; em tradução literal, melhor amigo gay) para aumentar a sua popularidade. Tanner começa a renegar o seu antigo núcleo de amigos em troca das meninas populares, porém logo percebe que isso é um erro e resolve fazer as pazes com seus antigos amigos. O longa traz infinidades de elementos para que se possa estudar as sexualidades no contexto escolar, como a popularização e hierarquização da população de estudantes nas escolas norte-americanas e o quanto isso é prejudicial para indivíduos menos favorecidos socialmente; a insegurança e o medo em relação à descoberta da própria sexualidade; as relações afetuosas entre amigos e a aceitação por parte da família.

FABIO ORTIZ GOULART

Acadêmico do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e ex-bolsista de Iniciação Científica do CNPq/FURG.

THE TRUTH ABOUT JANE (“A VERDADE SOBRE JANE”) - FILME



O filme “The truth about Jane” (ou “A verdade sobre Jane”, em português), de direção de Lee Rose, conta a história de Jane, uma jovem de 16 anos pertencente a uma família tradicional. Jane, a personagem principal, inicia a obra narrando os acontecimentos de sua infância até sua adolescência. Sua orientação sexual não é como sua família e amigas forçam sê-la – heterossexual. Sua mãe, Janice, e principalmente as suas amigas do ensino médio, tratam-na como se fosse afetivamente atraída por homens. Em um dia na sala de aula, Taylor, a nova aluna, entra atrasada na turma e a partir de então desperta uma certa atenção de Jane, nunca então percebida, o que a deixa inquieta.

Jane tem sua primeira relação sexual com Taylor e isso a faz pensar que tal acontecimento foi um grande erro e que ser gay não seria normal, culpando-se por isso. Ambas sofrem bullying no ambiente escolar, para além dos xingamentos de Brad, seu próprio irmão. Ao desabafar sobre sua homossexualidade, seu pai e a sua mãe ficam convencidos de que poderia ser apenas “uma fase”. Tentam

colocá-la na terapia, cogitam a hipótese de manda-la para um colégio interno, mas de nada adianta. Em dado momento, Jane cria uma forte amizade com sua professora, Srta. Walcott, que se assume lésbica à própria aluna na tentativa de fazer desta fase algo menos doloroso, passando a ajuda-la e a conforta, pois também tinha passado por tudo que Jane está sendo submetida.

A jovem pensa em suicidar-se, fugir, se vê odiada por aqueles/as que ama – sua família. Apesar de Janete ter um amigo gay (Jimmy), ela não consegue lidar com o fato de ter uma filha homossexual dentro de sua própria casa. Jimmy ajuda Jane e confessa que ser negro e gay é mais difícil do que ser “apenas” gay. Aos poucos sua mãe vai tentando aceitar os fatos, de forma homeopática e com algumas recaídas. Começa a frequentar um grupo de conversa frequentado por pais e mães de gays e lésbicas, e percebe que não é a única mãe de uma lésbica e que não está sozinha.

CRISTIAN BIANCHI LISSI

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Minas Gerais. Endereço de e-mail: cristian.bio.ufu@gmail.com. Endereço para correspondência: Avenida 21, nº 187, Jardim Nova Orlândia, Orlândia/SP - CEP: 14.620-000, Brasil.

TEUS OLHOS MEUS - FILME



O filme brasileiro “Teus Olhos Meus”, de direção de Caio Sóh, é um drama vivenciado por Gil, um jovem cantor órfão que possui um relacionamento com Carla e vive com a sua tia Leila e seu tio César, com o qual não se relaciona bem. Em meio aos desentendimentos, Gil resolve ir para a praia, o cigarro e a bebida lhe ajudam a tocar violão e a compor. Lá, encontra Otávio, que acabou de discutir com seu namorado Carlos; este ficou com ciúmes por Otávio ter lembrado o relacionamento que teve com Lígia, uma antiga paixão de adolescência.

No meio a tantos acontecimentos, divergências e dúvidas, Gil e Otávio acabam por se conhecerem melhor e iniciam um intenso romance. Com o passar do tempo, Gil resolve apresentar Otávio à sua tia Leila. Nesta visita, Leila passa muito mal e pedem para que ambos voltem outro dia. Aparentemente, a reação de nojo, de verdadeiro asco demonstrado por Leila, pode ser interpretado/a pelo/a espectador/a como resultado de uma não aceitação do relacionamento

homossexual de seu sobrinho; entretanto, em uma conversa entre Otávio e Leila, a verdade vem à tona: Gil e Otávio vivenciam o incesto. Leila mostra um porta-retratos de sua irmã – Lígia, sua antiga namorada no passado – e conta ainda que, antes de Lígia falecer, ela estava grávida dele, e o fruto desse relacionamento foi Gil.

Apesar desta questão principal que o filme traz – de um amor possivelmente proibido – a violência de gênero também é abordada, especificamente no relacionamento abusivo e de relação de poder entre Leila e César. Além disso, tal obra demonstra que a demarcação e um possível rótulo que identifica uma pessoa perante a sua orientação sexual não necessariamente é fixa, já que o prazer e as experiências afetivo-sexuais entre duas pessoas mostram ser mais importantes que qualquer enquadramento de orientação homo, bi ou heterossexual.

CRISTIAN BIANCHI LISSI

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Minas Gerais. Endereço de e-mail: cristian.bio.ufu@gmail.com. Endereço para correspondência: Avenida 21, nº 187, Jardim Nova Orlândia, Orlândia/SP - CEP: 14.620-000, Brasil.

1º lugar

Somos iguais?

Somos todos iguais
merecemos atenção,
problema com a violência,
não pode existir, não.

Vamos ajudar as mulheres,
elas sofrem com essa agressão.
No Brasil, não para de crescer,
essa tal submissão.

Homens também são maltratados
por isso merecem atenção.
Quem é humilhado
Tem que dizer não!

Mulheres violentadas
não fazem queixa não,
apesar da lei que as ampara,
o caso fica sem solução.

Anos Iniciais - 4º e 5º ano - 1º lugar
Nome: Marcos Vinicius Neitzke Lemos
EMEF Mate Amargo
Professor/a: Giovani Gomes e Arlete Corrêa



2º lugar

Maria da Penha

E uma mulher
que apanhava de seu marido.
agora está numa cadeira de rodas.

A sociedade com sua história
ganhou uma lei
Para proteção de mulher.
chega de violência.
isso a gente não quer!



Anos Iniciais - 4º e 5º ano - 2º lugar
Nome: Solene Eduarda Rocha Terra
EEEF Barão de Cerro Largo
Professora: Daiane Melissa Flores Bibiano Pires

1º lugar

Invisível

Você me olha,
Mas não me vê...
Você me abraça,
Quase com medo...
Nasci de você,
Mas não sou seu...
Tenho personalidade,
Vontades...
Sou seu filho,
Mas você me trata como estranho...
Não sou um bicho,
Não sou diferente...
Eu sou bonito como quando nasci,
Eu apenas cresci...
E decidi que sou o que quero ser,
Eu continuo te amando...
Então me ame como sou,
Respeite minha sexualidade.

Anos Finais - 6º ao 9º ano - 1º lugar
Nome: Lara Beatriz Rocha
EMEF Clemente Pinto
Professora: Ana Luiza Kruger



2º lugar

Por que são assim comigo
As palavras machucam tanto
Quero apenas ser um amigo
Sei que sou diferente,
Mas gosto de tanta gente
Quero fugir para algum lugar e
Chorar sem parar
Deixar o vento me levar.

Para mim não importa
A sua opção sexual,
O seu tamanho de roupa
Ou como você ama
Basta respeitar as minhas diferenças
E eu respeito as suas escolhas.

Sente ao meu lado
Em uma praça qualquer
Vamos conversar, rir.
O mundo está cheio
de pessoas me julgando
Por minhas escolhas
Então, por favor
Seja diferente
E me respeite.



Anos Finais - 6º ao 9º ano - 2º lugar
Nome: Vitória da Silva das Neves
EEEF Barão de Cêro Largo
Professora: Angela da Rosa Fonseca

Menção Honrosa

Direitos Iguais

Igualdade palavra-chave,
Direitos não aceitos.
Homens podem tudo,
mulheres não podem nada.

1.000 anos lutando
e a força acabando.
Direitos iguais?
Mulheres atrás.

Homens e mulheres
promovendo guerras
para serem felizes.
Especial mas não igual.
Lute e pense em mim,
Nos direitos que eu e você
estamos a fim.

Anos Finais - 6º ao 9º ano
Nome: Douglas Costa Macedo
EMEF Admar Corrêa
Professora: Adriane Laranjeiro e Paula Alves



1º lugar

Homens e mulheres

Por que tanta violência?
Não somos todos da mesma essência?
Eu sou Rosinha
e pela sociedade estou presa numa caixinha;
Sou Raimundo e não sou mudo, quero menos
violência no mundo.
Representamos mulheres que não vivem só com as colheres.
Representamos homens, que como muitos pensam, não são
sempre como super-homens.
Vamos combater, a violência contra o homem
também existe, e contra a mulher, ainda persiste.
Por um mundo com menos dor,
um mundo com mais amor.



Ensino Médio - 1º Lugar
Nome: Ellen Machado Feijó
ETE Getúlio Vargas
Professora: Silvia Sartoris

2º lugar

Por um mundo...

Onde a cor da minha pele não seja levada em consideração
Onde eu não seja maltratada ou desqualificada por um sem noção
Onde a minha religião não me cause distinção
Onde meu cabelo não seja considerado ruim ou bom
Onde a minha sexualidade não seja vista como uma abominação
Onde a informação chegue e esclareça que, mesmo eu possuindo
diversas diferenças, ainda sou um ser humano como você.

Ensino Médio - 2º Lugar
Nome: Alessandra Costa Viegas
EEEM Lília Neves
Professor: Michel Soares Caurio



Menção Honrosa

Liberdade

Muitas vezes tentei pedir ajuda, mas minha família nunca percebeu.
Enfrentei tantos constrangimentos...
Na maioria das vezes, o medo, a vergonha me escondeu.

Agora eu sou protegida pela Lei Maria da Penha e,
Quando ele foi preso, eu chorei de alívio e felicidade,
Pois ganhei minha vida de volta, minha liberdade.



Ensino Médio
Nome: Dariele Medeiros Nogueira
NEEJA
Professora: Lucilaine Oliveira

1º lugar

Basta!

Chega de viver em perigo.
Estou cansada de fugir do policial, do amigo e do bandido.

Quero sentir a liberdade,
Dos pássaros que voam sem direção.

Quero ser mulher e ser livre,
Sem nenhuma objeção.

Ensino Superior
Lisiane Ferreira de Lima



2º lugar

Somos a minoria

Somos a minoria de uma classe que trabalha, que paga seus impostos e que tenta viver dignamente.

Somos a minoria de um país excludente, que se esconde atrás de máscaras e posa de boa gente.

Somos a minoria de uma sociedade que fala que aceita e até dita direitos, mas se envergonha daqueles que pensa ferir seus preceitos.

Somos a minoria de um mundo que se diz abrangente mas que, na verdade, pensa que somos doentes, que manchamos a sociedade por termos padrões diferentes.

Somos a minoria que insistem em calar, esconder e afastar, mas pertencemos à sociedade e, querendo ou não, vamos nela estar.

Somos a minoria e juntos vamos lutar pelo espaço que por direito nos pertence e que tanto nos querem tirar, pois somos também humanos, apenas diferentes, vocês vão ter que respeitar.

Salve a diversidade e a diferença, pois o que seria desse mundo sem a nossa presença? Contagiamos a todos com a nossa alegria e irreverência, somos a cara de uma luta que venceremos por persistência.



Ensino Superior
Josineide Ribeiro da Silva

Menção Honrosa

O MUNDO TEM JEITO

Devemos ter fé,
De que o mundo ainda tem jeito
Sabendo que ninguém é perfeito,
Celebrando sempre, o amor e o respeito!

Podemos sim, viver com os diferentes,
Sejamos inteligentes!
Independente de nossas crenças,
Podemos superar as diferenças!

A intolerância mata
E precisa ser erradicada
Desrespeitar quem quer que seja,
Não está com nada!

Ensino Superior
Lucas Cardoso Martins

